

OXIGÊNIO

MAIO 2023



NÚMERO 45

A POTÊNCIA ESTÉTICA DE IOLE DE FREITAS NOS ANOS 1970



EDITORIAL

MIL MANEIRAS DE INVENTAR O MUNDO EM MAIO

Iole de Freitas mirabola. E isso não é pouco: duas gerações de sua arte vão se encontrar, ainda esse ano, em São Paulo, por um delirante e limitado intervalo de tempo. Mas o tempo de ontem chega primeiro, já no início de maio, com a exposição *Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença*, no Instituto Moreira Salles, matéria de capa desta edição.

Estamos diante de uma potente mostra dos trabalhos inaugurais da artista, com experiências em vídeo e obras protagonizados por seu próprio corpo – que vão fundo nas origens de seu trabalho, pontilhado por experimentações que contestam e invertem o espaço, o próprio corpo e a ideia de movimento.

Mirabolar tem a ver com tudo isto: um pouco de si em si mesma, o espaço que se abre em torno, o movimento como fonte de criação. E a dança, presença constante na vida de Iole por décadas, tem muito a ver com este mirabolar, configurado em uma série de performances, devidamente registradas em vídeo e profundamente representativas de sua ebulição criativa.

Quem acompanha o percurso da artista viverá reencontros nessa mostra – e os representará no presente, em seu imaginário, instigado e provocado pelas obras de construção e de investigação, que desde o início de sua trajetória povoam sua estética.

Nas páginas da OXIGÊNIO, Iole está em ótima companhia: Gauguin ganha mostra crítica no MASP até 6 de agosto; no Rio, Jaime Lauriano inaugura, no Museu de Arte do Rio, *Aqui é o fim do mundo*, com 40 obras de sua trajetória. Em Londres, o celebrado Ai Weiwei exibe uma simbólica retrospectiva de seu trabalho no Design Museum, com dezenas de obras emblemáticas e instigantes.

Mas não é só isso. Haja oxigênio para segurar tanta beleza numa única edição! Respiremos!

Foto de capa: Iole de Freitas, *Glass Pieces, Life Slices (Cacos de vidro, Fatias de vida)*, Milão, 1975
Exposição “*Iole de Freitas, Anos 1970 / Imagem como Presença*”

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradoras: Antonella Kann e Maurette Brandt

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Pano de Boca – Um Concerto de Teatro*, no Teatro do Incêndio, SP | *Musical Sinatra and Friends*, *The Definitive Rat Pack* finalmente chega ao Brasil | Irene Ravache reestrea *Alma Despejada* no Teatro Renaissance, SP | *Hysteria* e *Hygiene* do Grupo XIX de Teatro em sessões especiais em maio | *Charlie e a Fantástica Fábrica de Chocolate – O Musical*, no Rio

16

MATÉRIA DE CAPA: *Iole de Freitas, Anos 1970 / Imagem como Presença*

22

TURISMO: Um olhar furtivo pela Andaluzia

29

MASP apresenta mostra crítica sobre a produção do pintor francês Paul Gauguin

33

Jaime Lauriano – *Aqui é o fim do mundo*

37

Anna Costa e Silva abre exposição instalativa inspirada em escuta de sonhos

42

Casa Roberto Marinho celebra cinco anos e inaugura três exposições com obras do modernismo brasileiro e de arte popular

47

Bará, de Gustavo Nazareno no Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

51

Ópera Comentada no Centro Cultural Baukurs, RJ

53

Documentário *Crônica de uma cidade perdida* estreia dia 11 de maio nos cinemas

55

DIRETO DE LONDRES: Ai Weiwei – Ausência, Presença e essência



Foto: Divulgação

PANO DE BOCA UM CONCERTO DE THEATRO

Cia. Teatro do Incêndio
atualiza discurso
de Fauzi Arap
sobre os equívocos
entre vida e teatro

A Cia. Teatro do Incêndio estreia o espetáculo *Pano de Boca – Um Concerto de Teatro*, com direção de Marcelo Marcus Fonseca. A temporada acontece na sede da companhia, até o dia 28 de maio, aos sábados (às 20h) e domingos (às 19h). Essa é uma leitura contemporânea do espetáculo *Pano de Boca*, obra emblemática de Fauzi Arap (1938-2013), escrita em 1975, que o Teatro do Incêndio montou em 2015.

A peça retrata a implosão de um grupo de teatro após seus integrantes ultrapassarem



Foto: Camilla Rios

todos os limites entre arte e vida. Refletindo sobre a banalização do ofício e a superficialidade em figuras alçadas à categoria de artista, da noite para o dia. A remontagem elucida perguntas sobre o que sobrou do ritual ao vivo da cena. *“Hoje, a palavra ‘Teatro’ foi sequestrada em seu sentido, sendo usada em vão para definir toda e qualquer mentira da representação social”,* diz o encenador. *“Teatro é verdade, uma atividade espiritual, não pode ser confundido com o cotidiano que o banaliza”,* completa.

Pano de Boca – Um Concerto de Theatro entra em cartaz como a primeira de uma série de ações do grupo em homenagem a Fauzi Arap, em razão dos 10 anos de sua morte. A montagem surge no momento em que o teatro discute limites impostos por recortes sociais atuais, levando para cena questionamentos do autor: *“Quem é o ator? Quem é a atriz?”*.

Se a atuação deixa de ser entendida como metáfora social, se o teatro passa a ser um lugar com tabus impostos, ele não perderia seu fundamento e princípio? O ator/a atriz não é quem tem espaço para transitar em todo e qualquer retrato ou recorte do mundo?

Não deixaria de ser provocação e reflexão para se tornar imitação iníqua da realidade?

Pano de Boca teve sua encenação histórica dirigida pelo autor, em 1976, e a atual montagem também faz menção ao cenário criado por Flávio Império (1935-1985) para o espetáculo original, homenageando duas das maiores personalidades do teatro brasileiro, cuja parceria criativa é considerada inigualável nas artes cênicas. Fonseca explica que a peça questiona o que é o Teatro e qual é a sua essência, tanto do ponto de vista real quanto da personagem.

O debate gerado sobre a criação humana, a relação entre divino e terreno, trata da difícil tarefa de manter o equilíbrio em um mundo dominado por valores distorcidos. Em um plano não realista, trabalha com a questão do conceito de criação e, mesmo em seu plano realista, ela depende do metafísico para ser entendida. O texto de Fauzi Arap quer aproximar o público da cabeça do autor no momento da criação. Ele, portanto, trata o Teatro como alquimia: *Pano de Boca – Um Concerto de Theatro* é bem mais uma experiência do que simplesmente uma história.

O ENREDO

O texto é estruturado em três planos. No primeiro, dois personagens indefinidos, palhaços inacabados – Pagão (Francisco Silva) e Segundo (Laura Nobrega) –, reclamam vida dentro da cabeça de um autor em crise. No segundo, uma atriz (Camila Rios) dialoga com alguém que não se vê sobre os acontecimentos que motivaram a desintegração de um grupo; no terceiro, o próprio grupo tenta reabrir o teatro abandonado em uma reunião convocada por alguém não identificado. A peça se funde em uma discussão sobre a criação, a exclusão e o sagrado no teatro. Os atores transitam por linguagens diferentes como o realismo, o circo e um quase surrealismo, diferenciando os três planos aparentemente distintos do texto, que fluem para um caminho único.

Os palhaços são como duas forças lutando para existir como personagens, que discutem com o autor. *“Eis a metáfora: a crise do autor na criação e a discussão com Deus, com o poder criativo. O autor, que nunca aparece em cena, tenta reconstruir algo enquanto todos as personagens da peça estão diante de uma esfinge, que pode ser um mistério maior do teatro, da vida. Ela pode simbolizar o medo, o mero medo de existir”*, argumenta o diretor.

No plano da realidade, os integrantes do grupo de teatro têm um encontro marcado, que se emenda com o plano – real e espiritual – da mulher. Essa mulher conversa com alguém, que pode ser qualquer pessoa. Seu espaço é indefinido, sua alma está em descoberta, sua narrativa conduz ao entendimento sem ser conclusiva: ela tenta compreender suas questões e, ao mesmo tempo, não consegue as respostas que procura.

No grupo de teatro houve afastamento; um desregra-

mento que ultrapassou qualquer contorno pessoal. Os integrantes não conseguem se comunicar. Chamados para uma reunião no antigo espaço da companhia, eles se veem trancados e cercados por um clima de mistério. Sem fazer de conta que nada aconteceu eles são obrigados a encarar o passado para seguir em frente e descobrem que não há como negar o outro, pois a saída é de todos.

Na metáfora de Fauzi Arap está a dificuldade de reconstruir o que se quedou. Inclusive, uma das personagens, Pedro, foi inspirada na história verídica de Samuca, jovem ator do Grupo Oficina, nos anos 70, que enlouqueceu e parou de falar em consequência do uso abusivo de drogas. A recusa da palavra (recurso mais expressivo do ator) foi usada pelo autor de forma ambígua, também como alegoria da situação do teatro diante da censura política que existia na época.

SERVIÇO

Espectáculo *Pano de Boca – Um Concerto de Theatro*

Até 28 de maio

Teatro do Incêndio

Rua Treze de Maio, 48, Bela Vista, Bixiga, São Paulo / SP

Espaço com acessibilidade | *Capacidade*: 40 lugares

www.teatrodoincendio.com

Contato: (11) 99328-6358 e (11) 2609-3730

E-mail: producao.teatrodoincendio@hotmail.com

Temporada: Sábados, às 20h | Domingos, às 19h

Ingressos: R\$ 40,00 (inteira), R\$ 20,00 (meia) e Grátis

Bilheteria: 2 horas antes das sessões

Vendas online:

<https://www.sympla.com.br/produtor/ciateatrodoincendio>

Duração: 110 min | *Classificação*: 14 anos



Foto: Still do teaser de divulgação

Musical SINATRA AND FRIENDS, THE DEFINITIVE RAT PACK finalmente chega ao Brasil

Depois de 20 anos em cartaz em Las Vegas e Londres, o musical considerado pela crítica especializada como a maior e mais consagrada homenagem a Frank Sinatra, será exibido no país. Serão três apresentações – São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte – nos dias 11, 12 e 13 de maio. Os espetáculos fazem parte do Top Cat Concert Series 2023

O musical, originalmente interpretado por Frank Sinatra, Dean Martin e Sammy Davis JR., reeditado pelos ingleses Mark Adams, Richard Shelton e George Daniel Long, exhibe a magia da música norte americana dos anos 50 – *Golden Years* – emocionando o público com muito glamour e história. A montagem é aclamada como excepcional.

Concebido inicialmente para ficar como atração fixa em Las Vegas para celebrar os 100 anos de Frank Sinatra (2015), *The Definitive Rat Pack* extrapolou as previsões mais otimistas com a maestria das interpretações de Richard Shelton, Mark Adams e George Daniel Long. A cada apresentação, o trio transportava o público para os luxuosos e iluminados cassinos de Vegas dos anos 50 e 60, trazendo os maiores hits de Frank Sinatra, Dean Martin e Sammy Davis JR.

Esse enorme sucesso fez com que o musical ganhasse vida longa, proporcionando a possibilidade de várias outras apresentações, com inúmeros convites para turnês internacionais pela Europa, Ásia e Austrália. A repercussão estrondosa de cada uma das exibições levou os produtores à montagem de uma segunda versão do espetáculo na capital britânica, no *West End London*.

O show, que traz o humor político incorreto e inconfundível da banda, com *swing*, belas mulheres e o obrigatório copo de uísque nas mãos, apresenta músicas inesquecíveis, entre as quais, *My Way*, *Mr. Bojangles*, *New York, New York*, *That's Amore*, *Fly me to the Moon*, *Volare*, *King of the Road*, *What Kind of Fool*, *Hey There* e *Where or When*. O elenco do grupo *The Definitive Rat Pack* é formado por Hannah Lindsey como Nancy Sina-

Foto: Site Oficial Rat Pack / Reprodução





tra, Richard Shelton, como Frank Sinatra, Mark Adams como Dean Martin e George Daniel Long como Sammy Davis Jr. Há também convidados especiais.

O *Rat Pack* foi um grupo informal de amigos artistas, que se encontrava nas noites de Vegas sem nenhuma pretensão profissional: o intuito era apenas se divertir e divertir quem estava presente no local no momento daqueles fantásticos encontros. O sucesso foi tão grande que rapidamente levantou o apetite dos produtores cinematográficos de Hollywood. Somando-se ao sucesso individual dos artistas, que já atuavam no cinema, passaram a realizar filmes com diversos intérpretes, fazendo o público delirar com histórias e músicas inéditas.

E o sucesso das telas levou os produtores de shows a montarem apresentações glamourosas nos maiores cassinos de Las Vegas, fazendo com que *The Rat Pack* se tornasse o maior produto comercialmente desen-

volvido dos anos 50, com filmes, discos, especiais para a televisão e apresentações ao vivo, entre outras formas de sucesso. O *Rat Pack* sintetizou o *cool* na década de 1960. Seus shows improvisados, completamente lotados, causavam um rebuliço e atraíram os ricos e famosos – tornou-se obrigatório assistir o grupo brincando e cantando algumas das melhores músicas já escritas.

SERVIÇO

Musical *Sinatra and Friends, The Definitive Rat Pack*

Datas, locais e compras de ingressos:

11 de maio – 5ª feira – Espaço Unimed – São Paulo

<https://bit.ly/sintop2023>

12 de maio – 6ª feira – Vivo Rio – Rio de Janeiro

<https://bileto.sympla.com.br/event/79927>

13 de maio – Sábado – Teatro Minas Centro – Belo Horizonte

<https://bileto.sympla.com.br/event/80000/d/178630>

Irene Ravache reestrea ALMA DESPEJADA no Teatro Renaissance, SP



© Andréia Machado

Foto: João Caldas Filho

Montagem recebeu o Prêmio Bibi Ferreira de Melhor Atriz, para Ravache, Melhor Texto Original, para Andréa Bassitt, e indicação na categoria Iluminação, para Hiram Ravache

Com texto de Andréa Bassitt e direção de Elias Andreato, a peça conta a história de Teresa, uma senhora que, depois de morta, visita pela última vez a casa onde viveu e relembra passagens de sua vida. A montagem, que mistura emoção e humor, segue em temporada até

o dia 30 de julho, com sessões às sextas (21h), aos sábados (19h) e aos domingos (17h).

No enredo, Teresa se despede da casa onde morou a maior parte de sua vida: o imóvel foi vendido e sua



Foto: João Caldas Filho

alma foi, então, despejada. Apaixonada por palavras, ela se tornou professora e teve dois filhos com o marido Roberto, um homem simples, trabalhador, que se tornou um empresário bem-sucedido e colocou sua família no ranking de uma classe média emergente. A personagem transita entre o passado e o presente, sempre de maneira poética e bem-humorada, lembrando histórias e pessoas importantes em sua existência como Neide, sua funcionária por mais de 30 anos, e Dora, sua melhor amiga.

Alma Despejada foi escrita especialmente para Irene Ravache, em 2015. A teatralidade do texto de Andrea Bassitt (que também assina as peças *As Turcas* e *Operilda na Orquestra Amazônica*) instiga o espectador a seguir uma história aparentemente trivial, mas com uma trajetória surpreendente. “Essa mulher é apresentada diante de sua própria vida, e, a partir dessa visualização, ela encontra o entendimento da sua existência. É como se precisássemos abandonar a matéria para sermos conscientes de nós mesmos”, reflete o diretor Elias Andreato.

“Eu fiquei fascinada com esse texto e sua poesia. É muito delicado e fala da memória de uma mulher na minha faixa etária. Mesmo sabendo que a personagem

está morta, não é uma peça triste, pesada ou rancorosa, fala muito mais de vida que de morte. Eu adoro esse tipo de possibilidade que o teatro oferece. E não tenho medo de misturar essas coisas, porque isso faz parte da vida. Nossa vida não é linear. Ela tem essas nuances”, confessa Irene Ravache.

Alma Despejada estreou em São Paulo, em setembro de 2019, no Teatro Porto Seguro, e fez temporada no Teatro Folha até o início de 2020 (interrompida pela pandemia). Também foi apresentada de forma online em Portugal e no Teatro WeDo!, além de realizar sessões virtuais para o Sesc São Paulo e Instituto Usiminas.

SERVIÇO

Espectáculo *Alma Despejada*

Até 30 de julho

Teatro Renaissance

Alameda Santos, 2233, Cerqueira César, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3069-2286 | Capacidade: 448 lugares

Horários: Sexta, às 21h | Sábado, às 19h | Domingo, às 17h

Ingressos: R\$ 100,00 (sexta e domingo)

e R\$ 120,00 (sábado) – com meia entrada

Bilheteria:

sexta a domingo, das 14h até o início do espetáculo

Vendas online: <https://teatrorenaissance.com.br>

Classificação: 14 anos | Duração: 80 min



Hysteria
Foto:
Jonatas
Marques

HYSTERIA e HYGIENE, espetáculos de sucesso do *Grupo XIX de Teatro*, voltam em sessões especiais em maio



Hygiene
Foto:
Jonatas
Marques

Como parte das ações do projeto 5X XIX haverá também o lançamento do livro dos 19 anos de trajetória do grupo no dia 28 de maio



Hysteria

Foto: Jonatas Marques

Os dois primeiros espetáculos do Grupo XIX de Teatro, *Hysteria* e *Hygiene*, peças que projetaram o grupo nacionalmente, poderão ser vistas novamente em uma mostra especial no projeto 5X XIX, que visa a manutenção e a continuidade dos 18 anos de residência artística do grupo na Vila Maria Zélia, SP.

Hysteria, que trata das intrincadas relações sociais da mulher brasileira no final do século 19, acompanha a história de cinco mulheres internadas no hospício diagnosticadas como histéricas. A peça – que lançou o XIX em 2001 – estabelece uma comovente relação com a plateia.

Ao entrar no casarão do antigo Armazém da Vila Maria Zélia, os homens vão para uma arquibancada na posição de observadores. As mulheres sentam lado a lado no espaço cênico estabelecendo uma cumplicidade entre as personagens. Esta interação, aliada a textos previamente elaborados, gera uma dramaturgia híbrida e única a cada apresentação. O espetáculo será exibido de 6 a 21 de maio, em seis sessões, aos sábados e domingos, às 15h.

A segunda peça do grupo – *Hygiene* – recria os sonhos e desencantos de imigrantes europeus amontoados em cortiços paulistanos no século 19. Encenada ao ar livre por entre as ruas e casarões da Vila Maria Zélia, mostra a higienização urbana que avançou no Brasil, obrigando várias famílias a deixar suas casas.

O público é colocado em cena como agente compositor do espetáculo caminhando em procissão, participando de uma festa de casamento ou de uma roda de samba. Estão presentes na trama o samba, o sincretismo religioso, as lutas operárias, entre outras manifestações socioculturais. *Hygiene* terá duas sessões: dias 27 e 28 de maio, às 15h. No dia 28, após a sessão, haverá também o lançamento do livro digital *XIX – 19 anos: Memórias e Reminiscências de duas décadas do grupo XIX de teatro*.

Luiz Fernando Marques destaca a importância do passar do tempo no amadurecimento dos espetáculos. “*Hysteria* e *Hygiene* nasceram para fazer um atrito entre dois tempos, o século 19 e o tempo em que elas foram feitas. Fazer essas peças agora continua tendo essa dinâmica. Ao longo dos anos percebemos como alguns assuntos ganharam importância, algumas questões ficaram mais densas, outras com um sentido mais político. Quando estreamos elas tinham um significado mais nostálgico e hoje têm outra relevância. O entendimento com a luta feminista, de classe, de raça, as questões de moradia se apresentam nos dias atuais com novas nomenclaturas que fazem algumas questões levantadas pelas peças estarem mais decupadas para o público e para nós também. Sentimos que as pessoas

estão mais preparadas para essas lutas seculares”, afirma o diretor do Grupo.

Outro aspecto que ele destaca refere-se ao modelo de políticas públicas para o teatro de grupo que possibilitou a montagem desses espetáculos. *“O modelo de criação no qual o XIX estava inserido, numa criação coletiva e autoral, era uma novidade na época que se transformou na linguagem do grupo e de outros coletivos. Atualmente, até pelo fim de muitas políticas de estado que ajudavam na manutenção desses grupos, ficou cada vez mais difícil a produção de espetáculos. Então assistir a Hysteria e Hygiene também é assistir um modelo de política pública que pensava nesse formato de criação”* conclui Marques.

SOBRE O GRUPO XIX DE TEATRO

O Grupo XIX de Teatro tem um trabalho contínuo de 20 anos, com uma pesquisa temática e dramaturgia própria, uma pesquisa estética de exploração de prédios históricos como espaços cênicos e uma investigação sobre a participação ativa do público. Desde 2004 o Grupo XIX de Teatro realiza sua residência artística na Vila Maria Zélia na Zona Leste de São Paulo. A “Vila” é hoje um espaço de estudo, difusão e formação que abriga projetos como os *Núcleos de Pesquisa* que acolhem anualmente cerca de cem artistas, além de diversos espetáculos e oficinas.

O grupo já percorreu no exterior 21 cidades em cinco países (Europa: Portugal, Inglaterra, Itália e França; África: Cabo Verde). *Hysteria* fez turnê por oito cidades francesas, por ocasião do *L'année du Brésil en France*. Em junho de 2008, a peça cumpriu temporada no renomado *Barbican Center* de Londres, Inglaterra; em 2009,



Hygiene

Foto: Jonatas Marques

o grupo foi convidado pelo *Contact* de Manchester para dirigir o espetáculo de formatura da instituição. Em 2012, o XIX participou da mostra São Palco, idealizada pelo *O Teatrão*, em Coimbra, Portugal, e do Festival *La scenna dell'incontro*, em Bologna, Itália, em parceria com o ITC e o *Teatro dell'Argonne*. Em 2013, o grupo participou do Ano do Brasil em Portugal, em cinco cidades.

SERVIÇO

Espetáculo Hysteria

Dias 6 e 7 de maio, sábado e domingo, às 15h – Ingressos grátis
Dias 13, 14, 20 e 21 de maio, sábados e domingos, às 15h
Ingressos: R\$50 e R\$25 | Capacidade: 120 lugares
Necessário a reserva de ingressos, mesmos os gratuitos, em Sympla.com.br
Duração: 70 minutos | Classificação: 14 anos
Local: Vila Maria Zélia – Rua Mário Costa 13 (Entre as ruas Cachoeira e dos Prazeres) – Belém, São Paulo / SP
Tel. Informações: (11) 99551-3112

Espetáculo Hygiene

Dias 27 e 28 de maio, sábado e domingo, às 15h
Ingressos grátis | Capacidade: 80 lugares
Necessário a reserva de ingressos em Sympla.com.br
Duração: 80 minutos | Classificação: Livre
Local: Vila Maria Zélia – Rua Mário Costa 13 (Entre as ruas Cachoeira e dos Prazeres) – Belém, São Paulo / SP
Tel.: (11) 2081-4647
Acesso para deficientes físicos

Lançamento do livro digital XIX – 19 anos: Memórias e Reminiscências de duas décadas do grupo XIX de teatro
Dia 28 de maio, domingo, às 16h30 – Ingressos grátis



CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE – O MUSICAL

O Ceftem – Centro de Estudos e Formação em Teatro Musical apresenta, no palco do Teatro Cesgranrio, *Charlie e a Fantástica Fábrica de Chocolate*, um musical que promete encantar crianças e adultos. A direção geral é de Anderson Rosa e a direção musical de Carol Saboya.

O espetáculo conta a história de cinco sortudos que encontram bilhetes premiados e ganham a oportunidade de conhecer a Fantástica Fábrica de Chocolate de Willy Wonka. A visita doce e maluca é um sonho realizado para o menino Charlie.

SERVIÇO

Musical *Charlie e a Fantástica Fábrica de Chocolate*

de 4 a 14 de maio

Teatro Cesgranrio

Rua Santa Alexandrina, 1011, Rio Comprido, Rio de Janeiro / RJ
(21) 2103-9682

Ingressos: entre R\$15 e R\$70

<https://bileto.sympla.com.br/> | bilheteria@cesgranrio.org.br

Horários: Quinta, Sexta e Sábado às 19h, Sábado às 15h,
Domingo às 18h

Classificação: livre

Duração: 140 min



Iole de Freitas, *Pés (Feet)*, Milão, 1972

IOLE DE FREITAS, ANOS 1970 IMAGEM COMO PRESENÇA

Ana Ligia Petrone

Leveza, fluidez, transparência, movimento, tensão, imagens etéreas e fragmentadas em possibilidades surpreendentes são algumas das características contidas nos trabalhos inaugurais de Iole de Freitas, em exposição no IMS Paulista a partir do dia 6 de maio. A mostra reúne um importante conjunto de obras da artista, realizadas na década de 1970, época em que morava em Milão. Àquela altura, a arte, assim como os acontecimentos políticos, mostrava-se inquieta – e dessa inquietação surgiam práticas, processos e materiais inovadores, num amplo repertório de experimentações.

Inovação e criatividade são linhas muito bem definidas no composto orgânico de todos os trabalhos de Iole. Em seus filmes Super 8, por exemplo, já conseguia reunir, a um só tempo, a poesia e a estética da arte em movimento.

Após 18 anos de experiência com a dança, Iole iniciou a produção de performances, nas quais se fotografava ou se filmava, lidando inclusive com a dispersão de sua própria imagem em fragmentos de espelhos, numa interseção entre *body art*, performance e filme experimental.

Foto: Isa Gebara

Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença traz uma seleção de 16 sequências fotográficas, nove filmes e três instalações. A maior parte das obras é pouco conhecida, ou até mesmo inédita para o público brasileiro. A curadoria é de Sônia Salzstein, professora de história e teoria da arte, além de diretora do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

O ABRAÇO DA INSTALAÇÃO

Ao falar sobre o processo criativo da exposição, Iole revela que contou com o apoio de toda a equipe do IMS Paulista para realizar o trabalho como havia imaginado. *“Eu queria que essa exposição fosse, em si, uma instalação; um trabalho meu, mesmo. E assim aconteceu.*





Iole de Freitas, *Jump to the other side and win a red kimono* (Atravesse o vidro e ganhe um kimono vermelho), Milão, 1972

Desenhei o espaço e conseguimos, inclusive, colocar duas placas de policarbonato – aquelas jateadas de 6 metros, com que estou acostumada a trabalhar – apoiadas no chão, atirantadas com cabos na parede, para receber as projeções de dois dos nove filmes que compõem a mostra. Projetados nas placas translúcidas, eles vazam e têm um efeito muito bonito” – ressalta.

Iole conta que desejava que as pessoas fossem abraçadas assim que abrissem a porta do espaço ex-

positivo. “É isso que ocorre”, diz. “A luz em movimento de *Light Work* (1972), nessa grande curva de 6 metros, é o trabalho que abraça as pessoas, assim que entram. É a obra mais aconchegante da mostra. Na mesma sala estão as sequências fotográficas digitalizadas, tratadas e impressas magistralmente pelo IMS do Rio de Janeiro, quase todas com 1,50 m por 1,10 m. Um contraponto potente à coisa etérea dos filmes, pura luz, com as instalações que abrigam objetos, pano esticado, vidros, espelhos e facas”, afirma a artista.

Outra instigante decisão de Iole, dentro desse propósito de fazer da exposição uma grande instalação, é o local escolhido para a exibição de *Exit* (1977): “*Ele está na porta do monta-cargas (4,5m x 3m) e ocupa toda a área. Como grande parte dele foi filmada em um loft em Nova York – um espaço extremamente duro, que havia sido uma fábrica de roupas – funcionou muito bem*”, alegre-se Iole.

A artista também ressalta a montagem das três instalações, “*o processo mais desafiador*”, e o resgate de 22 rolinhos de filmes Super 8: “*Aqueles com a capinha amarela que carreguei durante 50 anos e que agora foram digitalizados. Dentre eles, resgatei dois dos primeiros filmes que fiz com Rara, minha filha: Memória 1 e Memória 2. Não se trata de home movie, porque ali já havia toda a abordagem estética que eu buscava fazer com micro, macro, aproximações, desfocagem e com muita presença da luz. Esses são de 71 e 72; os outros todos são de 72 e 73*”, conclui Iole.

AS OBRAS

Entre as obras presentes na mostra está a série fotográfica *Spectro* (1972), composta por três imagens da artista, tomadas por ela mesma em ambientes domésticos, como o interior de sua casa ou do ateliê. As fotografias mostram Iole a partir de diferentes ângulos, numa investigação dos gestos e formas de um corpo que parece se recusar a ser enquadrado ou domes-

ticado pela câmera, e que interroga múltiplas possibilidades de autorrepresentação.

Os temas da luz, da leveza e da transparência, contidos em *Spectro*, também aparecem nas séries *Jump to the Other Side and Win a Red Kimono* (1973), nas quais a imagem de Iole é capturada no reflexo de uma janela, e *Roots*, (1973), que registra os pés da artista.

Outro ponto alto da exposição é a série *Glass Pieces, Life Slices* (1975), apresentada na Bienal de Paris. Nas fotografias, a artista interage com espelhos – objetos que, assim como a câmera, capturam e cortam sua



Iole de Freitas, *Glass Pieces, Life Slices* (Cacos de vidro, Fatias de vida), Milão, 1975

imagem, num jogo de representações que revelam e ao mesmo tempo escondem a figura da artista.

A poética do corpo também é o cerne desses trabalhos, como pontua Salzstein: *“Os versáteis aparelhos Super 8, então saudados por muitos artistas por sua leveza e mobilidade, eram experimentados por Iole como extensões de seu corpo – e marcavam o surgimento de uma série de registros audiovisuais, dos quais seu corpo emergia, potencializado e envolvente, em fragmentos múltiplos, mediante uma linguagem de luz e de presença. Junto à exploração da imagem em movimento, que lhe permitia adentrar espaços densos e complexos, atravessados por sombras e reflexos, Iole lançou-se, ao longo daqueles anos, ao registro fotográfico do próprio*

corpo – sempre interrogando um mais além, em performances despojadas, silenciosas, sem audiência – nas quais frequentemente é possível flagrar o ato da artista acionando o disparador do aparelho fotográfico.”

A mostra traz ainda os filmes *Elements* (1972), *Light Work* (1972) e *Exit* (1973), registrados em super-8, e a reconstrução de três instalações: *Glass Pieces*, *Life Slices*, originalmente apresentada na Galeria Giancarlo Bocchi (Milão), em 1976; *EXIT*, obra realizada para a individual da artista na Galeria Marconi (Milão), em 1977; e, por fim, *Cacos de vidro, fatias de vida*, que explora projeções de slides da série *Glass Pieces*, *Life Slices* sobre lâminas de vidro, remetendo ao trabalho dedicado à 16ª Bienal de São Paulo, de 1981.



Iole de Freitas,
obra em
preparação
para a exposição
*Iole de Freitas,
Colapsada, em pé*,
em julho no
Instituto Tomie
Ohtake
Foto: Iole de Freitas

NA LINHA DO TEMPO, MAIS UMA EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO

A inquietude inesgotável do processo criativo da artista materializa-se também na mostra *Iole de Freitas: Colapsada, em pé*, que será inaugurada em julho no Instituto Tomie Ohtake, com curadoria de Paulo Miyada. As duas exposições estarão em cartaz simultaneamente, entre julho a setembro.

Nas conversas com Miyada sobre os trabalhos que seriam apresentados no espaço, Iole surpreendeu, quando disse que não queria fazer nada do que já havia feito.

“É uma produção inteiramente nova, com gestos e processos inaugurais na trajetória dela. Na instalação que ocupará o grande hall do Instituto, Iole metaboliza literalmente a história de sua produção de instalações dos últimos 20 anos”, conta o curador, ao destacar a coragem da artista: *“Ela teve um tipo de ousadia rara, praticamente sem precedentes: foi para a carne de obras icônicas produzidas há duas décadas para montar a nova instalação com os materiais que usou anteriormente”.*

“Eu queria fazer algo como um tsunami”, diz Iole. *“Mandeí descer tudo que estava na parte de cima do ateliê, joguei no chão todas as linhas das minhas grandes instalações desde 1999 e fui recompondo a nova obra, cortando o mínimo possível, trabalhando as linhas já feitas, sem comprar material novo. A primeira parte da nova instalação está pronta e já tem 8,5 m x 9 m”.* A nova peça – que terá 20m x 9m x 6,5m – apoia-se sobre o solo e se ergue como um abrigo aberto com movimento.

Outra grande novidade da mostra no Tomie Ohtake é a volta da dança no trabalho de Iole, o corpo em si. *“A ex-*

periência pregressa com a dança na inserção das artes visuais formava o processo dela; e isso era sempre uma espécie de leitura que se baseava na sua biografia para criar hipóteses de relações de linguagem. Agora, depois de 60 anos, ela voltou a dançar”, revela Paulo Miyada.

A artista empregou a dança como modo de apreensão do espaço e concepção da forma pela primeira vez, desde a década de 1960. Fragmentos desses ensaios, filmados por seu neto Bento, serão incorporados a duas videoinstalações inéditas.

As duas mostras, que estarão em cartaz durante quase três meses simultaneamente, tangenciam-se: no IMS, Iole de Freitas apresenta uma parte de sua história, reelaborada por uma instalação contemporânea; já no Instituto Tomie Ohtake, a artista abre novos caminhos ao reprocessar elementos constitutivos de sua trajetória, como a dança e a matéria de suas instalações.

SERVIÇO

Exposição *Iole de Freitas, anos 1970 /*

Imagem como presença

Abertura: 6 de maio

Visitação: até 24 de setembro

IMS Paulista – Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h | Entrada gratuita

**Conversa com Iole de Freitas e Sônia Salzstein;
mediação de João Fernandes**

6 de maio, às 11h, no Cineteatro do IMS Paulista

Entrada gratuita | Lugares limitados (145 vagas)

Distribuição de senhas 60 minutos antes do evento

Limite de 1 senha por pessoa

Evento ao vivo, com interpretação em Libras

UM OLHAR FURTIVO PELA ANDALUZIA



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Arcos de La Frontera

A Andaluzia, com suas oito províncias que abrangem do Mediterrâneo ao Atlântico, é a Espanha da ópera e dos filmes de Hollywood. É também a terra das castanholas, dos leques pintados à mão, dos xales de seda e cavalos brancos ornamentando eternos festejos. É onde o sangue do touro mancha a areia da arena, enquanto uma multidão extasiada se desdobra em aplausos e clamores. Há mais de cem anos esta região entrou na moda, mas por mais ovacionada que seja, continua se mantendo tão arraigada às tradições quanto o aroma penetrante de seus pés de laranja espalhados por todo lugar

De cima do mirante soprava um vento gelado, prenúncio da mudança de estação que não tardaria a chegar. Passava um pouco das 8h e o campo de golfe ainda estava parcialmente mascarado pela bruma da madrugada que teimava em não se dissipar. Mas à medida que o sol atirava seus primeiros raios dourados sobre o *green* e o *fairway*, a luz se intensificava e aos poucos ia descortinando os telhados brancos do pueblo de Bernalup-Casas Viejas, o cenário deslumbrante da planície ao pé da colina e a laguna seca de La Janda.

Ao longe, uma manta branca irregular, escorrendo pelos montes que delineavam o horizonte, fazia crer que haviam caído os primeiros flocos de neve naquela região da Andaluzia. Afinal, era final de novembro e grande parte da Europa já estava encasacada sob um frio de rachar. Porém, nevar por aquelas bandas só mesmo se uma súbita mudança climática tivesse acometido os arredores. A “neve”, na realidade, era o vulto dos *pueblos blancos*, pitorescos vilarejos caiados de branco e incrustados no cume de colinas rochosas. Não

que não neve no sul da Espanha: a cordilheira mais alta do país fica justamente situada na Andaluzia, entre as províncias de Granada e Almería, e oferece boas estações de inverno. Mas, o paradoxo é que enquanto se pode esquiar em Sierra Nevada, por exemplo, no litoral e proximidades são inúmeros os campos de golfe que jamais fecham e atraem jogadores contumazes o ano inteiro, mesmo durante os meses de frio mais “rigoroso”.





Ronda

Foi fácil ter a percepção dessa diversidade climática numa andança de alguns dias pela Andaluzia. Apenas à noite e muito cedo pela manhã era possível se dar conta de que estávamos às vésperas do inverno. Durante o dia, só os mais cétricos teimavam em carregar um casaco de lã diante daquele eterno céu azul e do calor iminente. Basta dizer que em Marbella havia gente mergulhando nas águas ainda tépidas do Mediterrâneo, fazendo jogging no calçadão de short e camiseta e jantando ao ar livre na parte antiga da cidade. Aquele balneário, famoso por entreter uma elite cinematográfica e ostentar marinas bilionárias, é inundado por turistas durante o verão, mas transforma-se num oásis de tranquilidade a partir de setembro.

Naquela faixa à beira-mar, aonde o metro quadrado chega a custar até 10 mil euros, o termômetro é descendente durante os doze meses do ano. Tanto é que as boutiques de luxo que se acotovelam no cais do Puerto Banús, uma passarela para quem quer ver e ser visto ao lado de uma das mais sofisticadas ancoragens para iates de luxo, não se constroem em exibir nas suas vitrines modelitos apropriados para temperaturas bastante elevadas.

No entanto, a cerca de 50 km de distância de Marbella e a pouco mais de 700m de altitude, encontra-se uma misteriosa cidade que só se comunica com o resto do mundo através de uma sinuosa estrada que serpenteia por um parque natural através das montanhas. Arraijada na borda de imponentes falésias em plena Serrania, encontramos Ronda, onde (desculpe o trocadilho, mas não resisti...) rondava a gélida previsão meteorológica de 8 graus, nada atípica para aquela época do ano. Previsão que – felizmente! – caiu pela Puente Nuevo abaixo, e quem não se aliviasse dos suéteres corria o risco de derreter no meio da praça de touros.

A arena de Ronda data de 1784 e é feita em madeira. Essa praça é a marca da tauromaquia moderna: foi lá que o toureiro Pedro Romero, o inventor do *volapié* (a maneira de matar um animal parado e sem força), fixou as regras que estão em vigor até hoje. Só não dá para afirmar se o prato típico *rabo de toro* (rabada), servido com pompa em alguns restaurantes locais, foi invenção deste ilustre cidadão. Em maio, as corridas de Ronda são famosas, mas é a *Ciudad*, com suas ruas nobres e construções seculares, que atrai um maior número de visitantes. Na parte antiga de Ronda, o palácio restau-



Arena de Ronda

rado Mondragón parece uma versão em miniatura dos magníficos jardins Reales Alcázares de Sevilha.

Mas os turistas, debruçados sobre um panorama de tirar o fôlego, não se cansam mesmo é de admirar o precipício intransponível que despenca 120 metros até o rio Guadalevin. E quem acha que o cenário de Ronda já é impressionante, imagine visto por uma perspectiva totalmente diferente: de cima de um balão. Porque uma alternativa (só para aqueles que apreciam emoções fortes) é um passeio pelo ar sobrevoando a região dos pueblos blancos. Claro que é preciso estar preparado para madrugar, mas a experiência vale a pena. E o voo termina, é claro, com champanhe na aterrissagem...

É muito difícil escapar das multidões na costa do Sol. No entanto, fora do alcance deste burburinho, aninhados nas montanhas, os pueblos blancos mantêm um rígido e orgulhoso vínculo com o seu passado e alguns deles tentam resistir à invasão do turismo de massa. Pouco mudou desde que os Mouros invadiram

a Espanha no século XVIII e não faltam vestígios de fortificações. Basta dizer que quase não se fala inglês por lá. Mas há exceções, como Mijas, uma pequena comunidade localizada a meia hora de distância de Málaga e facilmente acessível por ônibus de Fuengirola. O cartão postal de Mijas são os burros, com adornos coloridos, que desfilam com turistas pelos cantos mais bonitos do vilarejo. Bodegas, ruelas, praças, restaurantes e um comércio voltado para o visitante elegem esse pueblo como um dos mais assediados. Há também um interessantíssimo museu de miniaturas, com obras de mais de 50 países. Uma das peças mais impressionantes é um texto corrido de algumas linhas escrito... numa cabeça de prego.



Grazalema

Mas é Grazalema que ganha o rótulo do mais bonito e autêntico dos pueblos blancos. Encravado num vale do Parque Natural de Grazalema, a sua posição montanhosa é ideal para caminhadas e trilhas *off-road*. Ali, reina um micro clima tão instável que o pueblo é co-



Jerez de La Frontera

Tapas



nhecido como o vilarejo mais “molhado” da Espanha. O pequeno vilarejo, com uma praça, uma igreja e alguns bares restaurantes, já foi apelidado de “pequena Cadiz”, pois antigamente contava com um próspero comércio de lã e a sua riqueza rivalizava com a do porto do Atlântico. Hoje, ainda se compram xales, cobertores e casacos genuínos em algumas lojinhas, mas a comunidade depende muito mais do turismo que está começando a florescer. Mas, se comparado com os seus vizinhos, o movimento ainda está muito aquém de Ronda e Arcos de la Frontera.

E em tudo é estritamente pueblo ou exclusivamente branco. É o caso de Jerez de la Frontera, que é uma cidade com aeroporto, prédios altos e um amplo setor industrial! Mas a sua parte antiga, com igrejas lindíssimas, avenidas arborizadas e praças charmosas, pode ser considerada quase tão bela quanto Sevilha. A economia gira em torno da produção do sherry (que é o anglicismo para jerez), exportado principalmente para o Reino Unido. Embora toda a cultura gire em torno das bodegas, Jerez se destaca também em três outros quesitos: os bares de tapas, o flamenco e os reputados cavalos andaluzes. Estes, sim, um símbolo marcante da cultura local, são quase sempre brancos.

Quanto aos bares de tapas... bem, isto é um capítulo à parte. Os tapas, petiscos servidos em mínimas porções quentes ou frias, são preparados com ingredientes tipicamente ibéricos – pimentões vermelhos ao alho, azeitonas, ovos revueltos (mexidos) com cogumelos, chorizo, salames, peixe frito, patê, e o indeletável e succulento jamón serrano (presunto defumado) – tudo regado a cañas (copinho de chope) ou cava (espécie de prosecco) ou um copo de Jerez. No entanto, existe todo um ritual para se saborear tapas num bar andaluz: primeiro, não precisa sentar – até porque haverá sempre muito mais fregueses do que mesas e cadeiras. E, para dizer a verdade, o gostoso mesmo é se aboletar (e em

seguida se acotovelar também) no balcão, jogando sem pudor os guardanapos de papel pelo chão. Mas isso também faz parte do ritual – ao invés de ser considerado como maus modos, é prova de que a bodega serve coisas apetitosas.

Bem, e o flamenco? As suas raízes remontam aos ciganos, aos árabes e judeus que vieram para a Andaluzia. Mas esta dança também herdou movimentos da Ásia e da América Central. É mesmo um *pot-pourri*: uma coreografia simbólica que ilustra a vida, o amor e



Foto: Nensurria no Freepik

a morte. Toda a melancolia e o lirismo andaluz estão permeados nessa dança. Que bate palmas no compasso do ritmo e ainda acentua o som com tacadas fortes dos calcanhares contra o chão. Isso sem mencionar as tão aclamadas castanholas. Se lhe parece fácil, então tente acompanhar uma aula para sentir a dificuldade de se entrosar com o enredo da música. Principalmente para quem tem samba no pé...

Mas tudo (ou quase) que tem em Jerez também consta em Sevilha. A capital da Andaluzia conjuga uma incrível alegria de viver com a hospitalidade de um povo exuberante, e impregna à cidade um ritmo palpitante. O apetite para festas só é comparável à capacidade de se deleitar com guloseimas – desde a refinada gastronomia a belisquetes. Basta mencionar que existem 3.800 bares para cerca de 700 mil habitantes. Na Andaluzia, o bar tem a mesma função que uma igreja. Tem seus fiéis e rituais dos quais o mais importante é o cortado (café com um pingado de leite), servido num copo, tomado em pé, de frente para o balcão, com um pãozinho na chapa.

Dizem as más línguas que Sevilha é tudo aquilo que Madrid e Barcelona tentam deixar para trás há décadas – siestas, touradas, machismo, tapas e flamenco. Basta observar a rotina de um típico sevilhano que se respeita: antes mesmo de ir para o trabalho, ele começa o dia tomando o seu *desayuno* no bar mais próximo de sua casa. Saciado, ele só vai sentar numa mesa para almoçar em torno das duas da tarde. E depois é hora da sacrossanta *siesta*, quando praticamente todas as *tien- das* (lojas) fecham e a cidade é assolada por uma letar-



Sevilha

gia generalizada. As ruas se esvaziam, as venezianas estão abaixadas e a população adormece enquanto lá fora o calor tórrido afugenta das ruas até os turistas mais bem intencionados. Tudo recomeça após às 18h (na língua espanhola, costuma-se dizer *buenas tarde* até depois das nove da noite!) quando todos saem das tocas para se embrenharem pelas *calles*, onde multiplicam-se as mesinhas nas calçadas e à beira do rio Guadalquivir. O clima de euforia toma conta do ambiente até altas horas.

Mas, é justamente graças este *modus vivendi* que Sevilha se torna romântica e bela, além de ser a mais ensolarada da Espanha. Durante o auge do verão, os termômetros chegam a bater na casa dos 50 graus! Pode ser que sejam todos estes fatores que tenham inspirado o autor francês Georges Bizet a criar a sua pitoresca *Carmen* no século 19, assim como o diretor de cinema Luis Buñuel escolheu Sevilha como pano de fundo para locar parte do seu *“Obscuro Objeto do Desejo”*, há 30 anos atrás. Com tantos traços e legados arquitetônicos deixados pelos cristãos, judeus e muçulmanos que con-

seguiram a proeza de conviverem em surpreendente harmonia por 700 anos, o melhor meio de locomoção nesta cidade é a bicicleta. E, embora pareça antiquado, dar um passeio de charrete tem o seu valor. Mas também é recomendável andar a pé, sem pressa e sem destino, pois o centro é abarrotado de pontos interessantes que culminam com a Catedral cuja construção data do século 15 e é a maior do mundo.

SERVIÇO

Como Chegar

A Ibéria tem voos diários para Madrid saindo de São Paulo ou Rio de Janeiro. Da capital, há inúmeros voos para Málaga.

Onde Ficar

Hotel Puente Romano - Marbella

www.puenteromano.com

Byblos Guadalpin – Mijas Costa

www.gualdalpinbybloshotel.com

Fairplay Golf Hotel & Spa - Cadiz

www.fairplaygolfhotel.com

MASP APRESENTA MOSTRA CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO DO PINTOR FRANCÊS PAUL GAUGUIN



Paul Gauguin,
*Autoportrait,
Près du Golgotha
(Autorretrato, perto
do Gólgota)*, 1896
Foto: João Musa

Exposição e catálogo problematizam a relação do artista com as contestadas ideias de exotização do “outro” e de um imaginário sobre os “trópicos”. No total são 40 obras, entre pinturas e gravuras de importantes instituições internacionais.

O lançamento de um catálogo, com ensaios inéditos e 151 imagens, completa o projeto

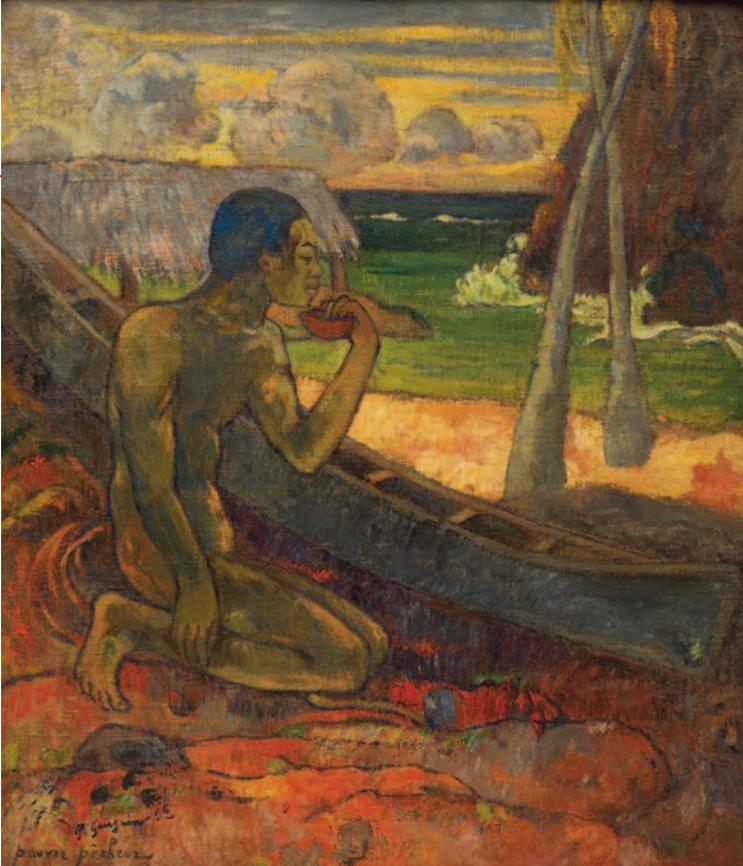
A mostra *Paulo Gauguin: o outro e eu* ocupa o espaço expositivo do 1º andar do Masp – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – onde permanecerá até 6 de agosto. Reúne 40 obras do artista pós-impressionista e discute de maneira crítica a relação dele com a ideia de alteridade e da exotização do "outro". O projeto, que inclui ainda o lançamento de um catálogo com ensaios inéditos e 151 imagens, enfrenta questões que por muito tempo foram deixadas de lado nas exposições sobre Paul Gauguin (Paris, França, 1848 – Ilhas Marquesas, Polinésia Francesa, 1903), especialmente o modo problemático como sua obra reforçou um imaginário sobre o “outro”, além das tensões entre sua biografia e a imagem que criou de si. Assinam a curadoria Adriano Pedrosa, diretor artístico da instituição, Fernando Oliva e Laura Cosendey, ambos do MASP.

Gauguin realizou no Taiti suas pinturas mais conhecidas, representando tanto as paisagens do lugar, como seu povo e seus costumes. *“Sua produção desse período suscita temas como as contestadas noções de primitivismo, um imaginário sobre o 'exótico' e os 'trópicos', e apropriação cultural; além de questões relacionadas à sexualidade, androginia e erotização do corpo feminino. Apesar de muitas vezes terem sido tomadas por reproduções fiéis da Polinésia Francesa, essas obras carregam em si as fantasias que um*

homem branco e europeu tinha de uma região considerada paradisíaca, intocada pela ‘civilização’ europeia”, analisam os curadores Fernando Oliva e Laura Cosendey.

Paul Gauguin: o outro e eu é a primeira exposição no Brasil a abordar de maneira crítica os conteúdos centrais da obra do artista, com foco em dois temas emblemáticos que emergem no conjunto apresentado no MASP: os autorretratos e os trabalhos produzidos durante sua permanência no Taiti (Polinésia Francesa), que se tornaram alguns dos mais conhecidos de sua trajetória. Dentre os 40 trabalhos da exposição, dois deles pertencem ao acervo do MASP: *Autorretrato (perto do Gólgota)* e *Pobre pescador*, ambos de 1896. Os demais são empréstimos de 19 instituições internacionais de renome, como Museu d'Orsay (Paris, França), *Metropolitan Museum of Art* (Nova York, EUA), *Getty Museum* (Los Angeles, EUA), *Museum of Fine Arts* (Budapeste, Hungria), *National Gallery* e Tate (ambas em Londres, Reino Unido).

Em *Autorretrato (perto do Gólgota)*, adquirido pelo MASP em 1951, o artista sintetiza e faz transcender o próprio tema do “outro e eu”, ao retratar-se com características semelhantes à figura de Jesus, com cabelos longos e túnica, e localizado próximo ao calvário, como enunciado no título da obra. Soma-se a esses elemen-



Paul Gauguin,
Pauvre pêcheur
(*Pobre pescador*),
1896

Foto: João Musa

tos o seu “perfil inca”, sempre demarcado em seus autorretratos, acentuando os traços retos de seu nariz – identidade reivindicada por ele, que não se identificava como um típico artista parisiense.

O impacto causado por sua obra pictórica, que inaugurou um novo pensamento sobre pintura e apropriação de imagens, também repercute em suas escolhas de vida, que ainda hoje são motivo de debate, sendo determinantes para a visão criada sobre sua figura. A “genialidade incompreendida”, que o artista alegava, o não pertencimento a uma “civilidade” europeia, a entrega de sua pintura à visualidade de universos longínquos e pouco desbravados eram frequentemente performados pelo próprio artista.

“Como resultado de amplas pesquisas iconográficas, conhecemos inúmeras referências da cultura visual usa-

das por Gauguin – seu 'museu imaginário' – complementando aquelas que foram encontradas entre pertences do artista em seu ateliê após sua morte. A mesma reprodução de imagens também acontece no corpo de seu trabalho: pinturas com personagens individuais ou pequenos grupos são replicadas em outras obras, até chegarem a composições maiores como em Faa Iheihe (1898). O artista recombina suas figuras com variações sutis. Passa a não apenas citar a obra de outros artistas, mas a sua própria, numa espécie de diálogo consigo mesmo”, pontuam os curadores.

Influências egípcias e japonesas também surgem na combinação de imagens de referências artísticas e fotográficas de Gauguin, o que é evidenciado em *Pobre pescador* (1896). A personagem central foi retirada de uma representação do faraó Seti I em um dos relevos do Templo de Abidos, sendo representada de perfil e

com um gestual geometrizado. No que concerne à vista ao fundo, o artista foi influenciado pelas composições das gravuras ukiyo-e japonesas, “empilhando” as camadas da paisagem no sentido vertical da composição, além de trazer um tratamento característico da mesma visualidade para elementos naturais, como as montanhas e o quebrar da espuma das ondas do mar. Há outro elemento que adiciona mais uma camada às citações: *Pobre pescador* também era o título de uma pintura de 1881 feita por Puvis de Chavanne (1824-1898), uma referência na pintura europeia, da geração anterior a de Gauguin.

Nascido em Paris, Gauguin dedicou-se, sobretudo, à pintura, sendo considerado uma figura emblemática na história da arte por destacar-se das convenções pictóricas do século 19. Viveu parte de sua infância no Peru e foi somente aos 35 anos que passou a se dedicar exclusivamente ao trabalho artístico. Passou algumas temporadas em regiões da França, como Bretanha e Arles, onde conviveu com o artista holandês Vincent van Gogh durante os intensos meses em que dividiram um ateliê.

Frustrado com a cena artística da metrópole parisiense e passando por dificuldades financeiras, o artista nutria o desejo de partir em busca de outra experiência de mundo, na qual pudesse aliar sua pintura a um imaginário para além dos padrões da cultura europeia. Foi assim que Gauguin viajou ao Taiti, na Polinésia Francesa, em 1891 e, após um intervalo de dois anos em Paris, retornou ao Pacífico para lá permanecer até a sua morte, em 1903, nas Ilhas Marquesas.

SERVIÇO

Exposição *Paul Gauguin: o outro e eu*

Até 6 de agosto

MASP — 1º andar

Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h);

quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);

fechado às segundas

Agendamento:

online obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

www.masp.org.br

A mostra tem patrocínio master do Bradesco e patrocínio da Vivo e Mattos Filho



Paul Gauguin, *Vase de fleurs rouges* (*Vaso de flores vermelhas*), 1896

Foto: The National Gallery, London



Vídeo projeção em loop *Morte Súbita*, 2014

JAIME LAURIANO

AQUI É O FIM DO MUNDO

Exposição panorâmica da trajetória de quinze anos do artista nascido em São Paulo em 1985 reúne mais de 40 obras, dentre elas cinco criadas especialmente para a mostra. Considerado um dos expoentes da arte contemporânea brasileira, imprime em seus trabalhos um novo olhar sobre a história oficial do Brasil

Com curadoria de Marcelo Campos e Amanda Bonan, a exposição reúne trabalhos produzidos entre 2008 e 2023. Cinco obras comissionadas especialmente para essa exposição são inéditas: as pinturas *“Invasão da cidade do Rio de Janeiro”* (2023), *“Na Bahia é São Jorge no Rio,*

São Sebastião” (2023), as instalações *“Afirmação do valor do homem brasileiro”* (2023), e *“Experiência concreta #9 (roda dos prazeres)”* (2023), com bacias de água e desinfetante, e o vídeo *“Justiça e barbárie #2”* (2023). A exposição integra a programação de dez anos do MAR.

O artista revela que essa exposição é especial porque acontece no momento em que ele percebe o amadurecimento de sua produção, assim como a complexidade nos temas abordados e no uso de materiais. *“É importante reunir na mesma exposição trabalhos de períodos diferentes. Me sinto feliz e emocionado ao apresentar para o público e para as novas gerações de artistas esse recorte, porque o meu trabalho está muito interligado com o novo momento da arte brasileira, de revisitar sua história, pensar e fazer uma nova história do Brasil, e de mudança de protagonismo”*.

NÚCLEOS E OBRAS

As obras de *“Aqui é o fim do mundo”* estão distribuídas em cinco núcleos: *Experiência concreta*, *Colonização*, *Afirmção do valor do homem brasileiro*, *Recanto* e *Justiça e barbárie*.

Experiência concreta #1 (diálogo de mãos), 2017

Foto: Filipe Berndt

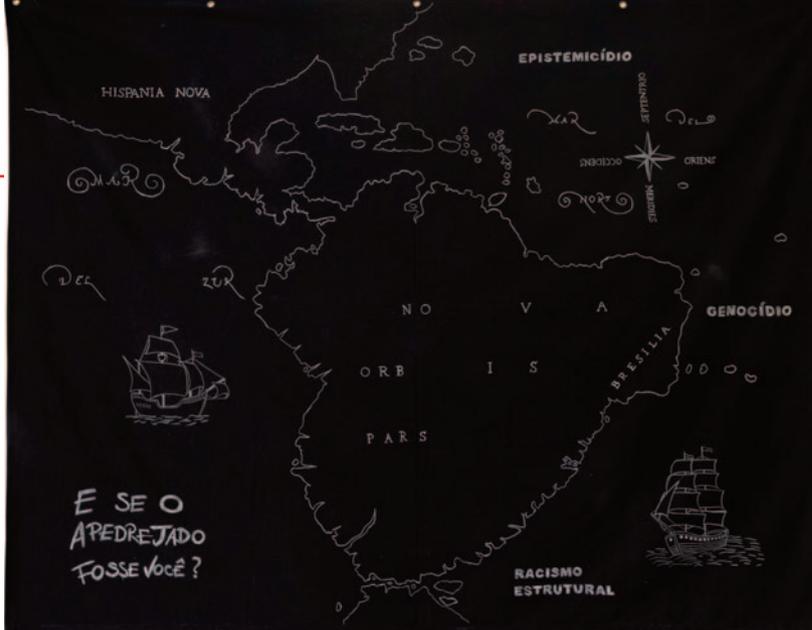


Experiência concreta reúne trabalhos de 2019 em que a palavra “concreta” se refere tanto ao movimento da arte brasileira (concretismo e neoconcretismo) como também à realidade enfrentada pelos negros no Brasil. Em *“Experiência concreta #1 (diálogo de mãos)”*, de 2017, a impressão de várias imagens retiradas de jornais digitais, catálogos de exposições e manuais de sobrevivência mostram corpos negros amarrados, emolduradas em uma caixa de compensado naval. Já em *“Experiência concreta #2 (diálogo de mãos)”*, de 2017, estão várias cordas, de diferentes materiais, com a mesma moldura.

A instalação *“Experiência concreta #9 (roda dos prazeres)”*, 2023, reúne bacias de ágata e desinfetantes de várias cores, comprados no comércio, dispostos em um círculo como na obra *“Roda dos prazeres”*, da artista Lygia Pape (1927-2004). Um cubo de 2m de altura e 4cm de comprimento construído com silver tape diretamente na parede é a instalação *“Experiência concreta #5 (sete linhas)”*, 2017, em alusão aos cubos de Geraldo de Barros (1923-1998).

Colonização traz a pintura inédita *“Invasão da cidade do Rio de Janeiro”* (2023), onde o artista faz diversas intervenções com pinturas e colagens em uma reprodução da obra de Antonio Firmino Monteiro (1855-1888) *“Fundação da cidade do Rio de Janeiro”*, entre as quais um Cruzeiro do Sul (estrelas que representam a Bahia, Rio, São Paulo, Espírito Santo e Minas) feito pelo artista com tiros com espingarda de chumbinho.

Dentre outras obras importantes desse núcleo está *“E se o apedrejado fosse você? #3”* (2021), que faz parte do



E se o apedrejado fosse você? #3, 2021

Foto: Filipe Berndt

conjunto de desenhos criados por Jaime Lauriano desde 2015, com pomba branca, giz usado nos rituais de umbanda sobre tecido de algodão preto, e refaz o mapa da história do Brasil.

Afirmação do valor do homem brasileiro tem ao todo 30 trabalhos, e abre com a instalação de parede (2,50m x 3,5m), *“Afirmção do valor do homem brasileiro”* (2023), composta por recortes de revistas de 1970, durante o governo Médici, como a icônica reportagem de capa *“Nestas esquerdas o Brasil confia”*, da revista *“Realidade”*, com uma foto de Tostão, Gérson e Rivellino.

Nove obras da série de 20 bandeiras do Brasil, desenvolvida entre 2015 e 2021, também fazem parte desse núcleo. Elas foram confeccionadas em várias técnicas artesanais por diferentes pessoas em diversas cidades brasileiras, uma delas criada em tricô por sua própria mãe.

Recanto

Jaime Lauriano diz que cada trabalho desse núcleo *“é uma oferenda para um orixá. Nelas podemos encontrar todos os elementos ritualísticos para louvar os orixás:*

plantas para tomar banho, cores para as roupas, desenhos de invocação etc. São elementos para a cura”.

Um dos exemplos é a instalação *“Iluminai os terreiros”* (2022) – da música *“Brasil pandeiro”* (1941), de Assis Valente, na qual criou um círculo, uma roda, com 14 apotis (os bancos de madeira usados em casas de umbanda e terreiros de candomblé) e esteiras de palha, onde o público pode se sentar e se deitar. A instalação, que também conta com alguidares, tem trilha sonora com uma sequência de entrevistas feitas pelo artista com lideranças negras do Rio e de São Paulo, de várias áreas. Ao longo da exposição Jaime Lauriano fará novas entrevistas, que serão incluídas na trilha.

Justiça e barbárie

Nesse segmento encontra-se o vídeo *“Morte Súbita”* (2014), em *looping*, que tem como trilha sonora a voz de um narrador oficial do Estado de São Paulo, lendo os nomes de mortos e desaparecidos em 1970. O vídeo mostra a utilização feita pelo regime ditatorial da Copa de 1970, e será exibido em uma sala especial, com a porta de entrada coberta por um lambe-lambe



Iluminai os terreiros, 2022

Foto: Filipe Berndt

de uma fotografia feita pelos policiais, durante a ditadura militar, em uma ação no Centro do Rio de repressão a manifestantes.

“O Brasil” (2014), é outro vídeo desse núcleo e resulta de dois anos de pesquisa de Lauriano em arquivos oficiais. Dos 700 filmes de propaganda, em tom ufanista, feitos pelos governos da ditadura no período do AI-5 (1969 a 1974), ele selecionou 30. As imagens são entrecortadas por matérias de 31 de março e 1º de abril de 1964, e de 13 a 16 de dezembro de 1968. Na trilha sonora, o áudio de Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso, decretando a vacância na presidência do Brasil, mesmo estando no país o então presidente João Goulart, e a leitura feita na televisão por Golbery do Couto e Silva, da promulgação do

AI-5. Outra obra pertencente a este núcleo é a serigrafia sobre flanela “*Queime depois de ler*” (2012), com a receita de um coquetel molotov.

SERVIÇO

Exposição *Aqui é o fim do mundo* – Jaime Lauriano

Até 1º de outubro

Museu de Arte do Rio – 2º andar

Praça Mauá, Centro, Rio de Janeiro / RJ – (21) 3031-2741

A bilheteria do museu funciona de quinta-feira a domingo das 10h30 às 17h, sendo possível permanecer no Pavilhão de Exposições até às 18h

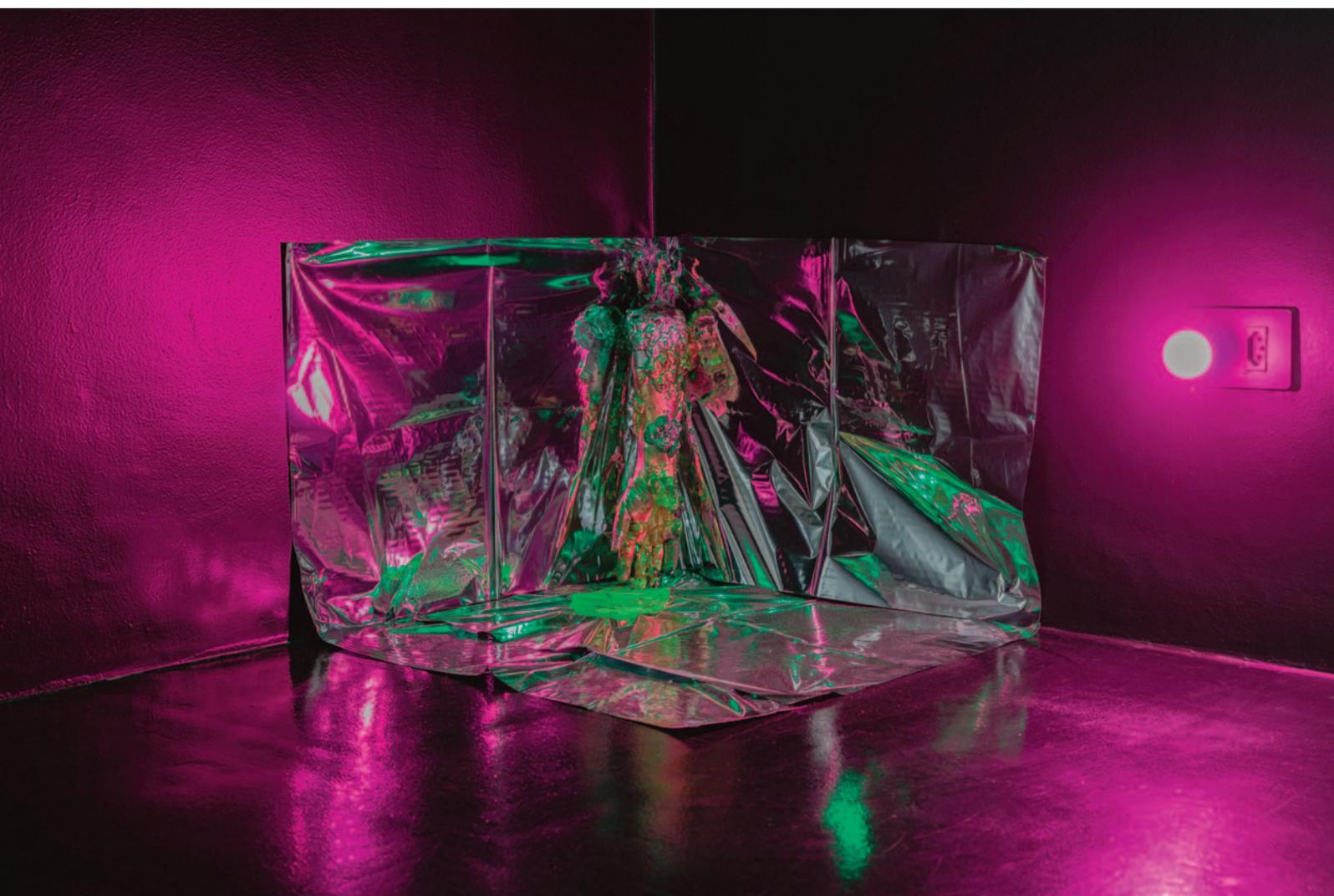
Ingresso: R\$20,00 (inteira) e R\$10,00 (meia)

Agendar uma visita:

agendamento@museudeartedorio.org.br

ou (21) 3031-2742

Anna Costa e Silva abre exposição instalativa inspirada em escuta de sonhos



Escultura de Darks Miranda, *Venus-ph Ana Pigosso-8-hr*

Destaque na última Bienal do Mercosul, artista apresenta TAMAGOTCHI_BALÉ – trabalho inédito com vídeos, performances e collabs no Centro Cultural Hélio Oiticica, no Rio

Já imaginou viver num mundo onde as relações devem ser abolidas e o amor extinto? Foi a partir de um sonho inquietante que nasceu *Tamagotchi_Balé*, novo trabalho de Anna Costa e Silva, que entra em cartaz dia 6 de maio, no Centro Cultural Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro. Reunindo diversas manifestações artísticas – vídeos, performances, esculturas e instalações –, a exposição, premiada pelo FOCA, tem curadoria de Gabriela Davies e aborda as relações contemporâneas, as distopias digitais e o fim do erotismo, através de um ambiente imersivo e onírico de projeções.

Como nos sonhos, sensações e imagens se entrelaçam, criando diferentes narrativas que, em comum, apresentam um dos maiores sintomas atuais da humanidade: a virtualização dos afetos. *“Essa exposição começa com um sonho que mexeu muito comigo. Era um momento político extremamente sensível, de levante de ideias fascistas e via o papel das redes sociais nesse processo. Observava como todos os nossos afetos e relações passavam agora por big-techs, na mesma medida que nos tornávamos uma mistura de avatares de nós mesmos e de marcas pessoais. As relações afetivas se aproximam cada vez mais de relações de consumo”*, lembra Anna.

O ano era 2018. Anna sonhou que estava fazendo um Curso de Futuro para aprender a viver num mundo

onde as relações seriam abolidas. Era uma nova realidade, neoliberal ao extremo, na qual cada pessoa teria um “propósito de ação” e o amor era extinto, pois era considerado violento demais e gerava desvios neste propósito de ação-produção. *“O curso do sonho era feito de forma remota, numa tela, o que é bastante assustador se formos considerar a pandemia e a hiper digitalização do mundo, que aconteceu pouco tempo depois”*, reflete.

Impactada e simultaneamente curiosa para saber se narrativas parecidas estavam emergindo no inconsciente coletivo, a artista criou uma chamada aberta para escuta de sonhos. *“Costumo trabalhar com chamadas abertas e processos de escuta desde 2012. Gosto dessa ideia, de que as pessoas cheguem até os trabalhos, são acasos orquestrados. Essa chamada foi respondida quase que exclusivamente por mulheres ou pessoas não binárias, e percebi que muitas estavam se deparando com questões de cunho coletivo em seus sonhos”*.



Tamagotchi balé
Foto: Divulgação

O processo de escuta de sonhos se estendeu até 2022, sempre em encontros presenciais. Entre essas narrativas, estavam sentimentos sendo programados, terapeutas sendo trocados por inteligências artificiais, uma pessoa que parava de ter corpo e passava a existir apenas em telas, raízes crescendo nas superfícies como se não houvesse mais chão; cidades destruídas e pessoas viciadas em experiências que aconteciam dentro de óculos de VR.

A partir daí, Anna deu início a uma vasta pesquisa sobre subjetividade neoliberal e a virtualização dos afetos, passando por uma série de novos dispositivos de companhia virtual – um holograma desenhado para ser a esposa perfeita; uma boneca sexual programada para expressar emoções e satisfazer seu dono; a inteligência artificial LaMDA, que pode estar se tornando senciente, até chegar ao Ministério da Solidão, criado em 2018 na Inglaterra, a partir da percepção de que a solidão é um problema de estado. *“Gratificação instantânea, narcisismo, branding pessoal e o fim da experiência erótica foram alguns dos meus caminhos de pesquisa. O tamagotchi, nesse contexto, aparece como a primeira experiência de relação afetiva e de cuidado com uma máquina que a minha geração experimentou, uma projeção, quase assustadora e deslocada do seu tempo, os anos 1990”,* explica.



Atafona, Carolina Luísa

Foto: Rita Albano



Atafona, Dora Selva

Foto: Rita Albano

Nesse processo de pesquisa, Anna descobriu também Atafona, uma cidade no litoral norte do Rio, que está sendo engolida pelo mar e que materializa, como cenário, os universos distópicos descritos nos sonhos. Uma praia em ruínas, pedaços de construções na areia – e as raízes aparecendo pela superfície, rumo a lugar nenhum, como num dos sonhos.

Inquieta com suas descobertas, Anna convidou um grupo de performers mulheres para explorar essas narrativas e trazê-las para o corpo, de forma que essas histórias escapulissem de um lugar racional e se tornassem gestos, movimentos, imagens. Junto com Maria Clara Contrucci e Manuela Libman, personagens e coautoras dos textos, criou o vídeo central que dá nome à exposição. Em 28m, a obra mostra duas mulheres tentando estabelecer uma relação virtual, entremeadas por imagens publicitárias de arquivo desde os anos 1950, com criações inéditas em 3D, coreografias gravadas no zoom, imagens de Atafona e videogames, numa colagem narrativa-afetiva que começa em Tamagotchis até chegar no chatbot LaMDA.

Mais três vídeos completam a experiência imersiva. Um traz Dora Selva, grávida, realizando uma dança pélvica entre as ruínas de Atafona; outro, apresenta Dani Camara, um ser avatar que anuncia o apocalipse relacional, transformando palavras de Byung Chul-Han, Jonathan Crary, Liv Stromquist, entre outros, num videoclipe pop-eletrônico; e, por fim, um com Carolina Luísa, também em Atafona, lendo um poema de sua autoria, *“Amar é um ato político”*.

Anna convidou também Darks Miranda – que aparece como *“feat”* da exposição, apresentando uma série de esculturas, que criam uma experiência de entrada nesse mundo onírico-distópico-digital. *“O trabalho da Darks tem muita relação com todo o universo que venho criando, por isso, a convidei para criar esse espaço comigo. A impressão é de que as esculturas*

saltaram de dentro dos vídeos e não há hierarquias entre a narrativa material e a digital.”



Escultura de
Darks Miranda,
A neblina
Foto: Divulgação

Parte desse trabalho foi realizado em residência artística nos estúdios da Ubisoft, uma das maiores empresas de videogames do mundo, na sede de Winnipeg, no Canadá. *“Ganhei um prêmio da instituição de arte contemporânea mexicana Terremoto para passar três meses trabalhando em meu projeto, com um time de designers que colaborou na programação desses seres humanos produtivos-não-relacionais. Criamos juntos uma série de cenários 3D a partir dos sonhos e trabalhamos também com imagens geradas por inteligência artificial. Foi uma experiência bastante cu-*

riosa ser uma artista dentro de um estúdio de videogames”, explica Anna.

A exposição conta também com uma instalação composta por uma cama, onde o visitante pode deitar e escutar os sonhos narrados a partir da chamada pública, além de um ritual-performance, ao vivo, conduzido pela artista Dual. *“Pretendo, aqui, que os espectadores possam de fato adentrar um outro espaço-tempo e relacionar-se com essas histórias com todo o corpo. É um trabalho que lida com um cenário distópico, com certeza, mas que também há nele algo que escapa, que está vivo. E acho bonito que um projeto que começa com a previsão do fim das relações se dá, justamente de forma tão relacional, a partir desses encontros super íntimos, para escutar sonhos, e, num segundo momento, de criações coletivas”, conta.*

SOBRE A ARTISTA



Anna Costa e Silva
Foto: Maira Marques

Anna Costa e Silva (1988, Rio de Janeiro) trabalha com situações construídas entre pessoas, que propõem reformulações dos tecidos sociais e

afetivos a partir de processos de escuta. Desde 2012, pesquisa o estado de encontro como força motriz para a criação de seus trabalhos, vivendo num constante dispositivo de artevida.

Dorme na casa de pessoas desconhecidas para conversar antes de dormir, oferece companhia, realiza experiências de encontro em locais de consumo, como shoppings e aeroportos, escuta sonhos e os recria em 3D etc. Seus projetos acontecem nas interseções entre artes visuais, cinema, performance e práticas relacionais e se materializam, ou não, em instalações, filmes, sons ou situações efêmeras.

Graduada em Cinema e mestra em Artes Visuais pela *School of Visual Arts*, NY, recebeu prêmios importantes, como FOCO Bradesco ArtRio, Bolsa Funarte de Produção Artística, *American Austrian Foundation Prize for Fine Arts*; foi duas vezes indicada ao Prêmio PIPA e finalista do Marcantonio Vilaça. Entre suas exposições individuais destacam-se *“Assíntotas”* – na Caixa Cultural, *“Éter”* – no Centro Cultural São Paulo e *“Ofereço companhia”* – Galeria Superfície. Em 2022, participou da 13ª Bienal do Mercosul, foi premiada com a residência Terremoto Ubisoft e ganhou a prestigiosa bolsa *Franklin Furnace*, para realizar um trabalho inédito em Nova York 2023. Atualmente, é artista residente na Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, pelo projeto Residência Artística Setor Público, realizado pela produtora Automática.

SERVIÇO

Exposição Tamagotchi_Balé

Data: de 6 de maio a 3 de junho

Local: Centro Cultural Hélio Oiticica – (21) 2242-1012

Rua Luis de Camões, 68. Centro, Rio de Janeiro / RJ

Horário: Segunda a Sábado, das 10h às 18h

Entrada franca



Casa Roberto
Marinho
celebra cinco
anos e inaugura
três exposições
com obras
do modernismo
brasileiro e de
arte popular

Exposição *Coleção no seu tempo*
Carlos Vergara, *Sem título, Série Prospectiva*, 2020
Foto: Jaime Acioli

Enquanto a produção de Maria Leontina é exaltada na mostra "Gesto em suspensão", peças das coleções de Lélia Coelho Frota e de Roberto Marinho são exibidas em "A criação do artista popular" e "Coleção no seu tempo"

MARIA LEONTINA – GESTO EM SUSPENSÃO

Curadoria: Alexandre Dacosta



Maria Leontina, *Série As Orantes*, 1966 Foto: Jaime Acioli

Na celebração do seu quinto aniversário, a Casa Roberto Marinho apresenta, no piso superior, um encontro entre Maria Leontina e Lélia Coelho Frota, ao evocar os quase 30 anos de convivência poética e afe-

tiva dessas duas figuras da arte brasileira, grandes amigas e cúmplices em vida. Para Lauro Cavalcanti, diretor do ICRM, associar a pintora e a escritora no mesmo tempo e espaço faz sentido pela *"liberdade que exerciam"* e pela *"coincidência de seus repertórios que mesclavam, sem distinção, passado e contemporaneidade"*.

Gesto em suspensão reúne do primeiro andar da Casa cerca de cem pinturas, desenhos e gravuras de Maria Leontina (São Paulo, 1917-Rio de Janeiro, 1984) em um recorte inédito, afetuoso e sensível de sua obra. Trabalhos raramente exibidos de diversas fases das décadas de 1940 a 1980, fazem parte da seleção de Alexandre Franco Dacosta, filho da pintora, também artista visual, compositor e cineasta.

Nome de destaque do modernismo brasileiro, Leontina explorou o figurativismo de cunho expressionista, como se vê na obra *"Retrato de mulher"*, 1949, e na série *"As Orantes"*, 1966-1967. A partir da década de 1950, passa para o abstracionismo, representado na mostra pela pintura *"Da paisagem e do tempo"*, 1950, bem como pela série *"Os jogos e os enigmas"*.

Na década de 1960, realizou um painel de azulejos para o Edifício Copan e vitrais para a Igreja Episcopal Brasileira da Santíssima Trindade, ambos em São Paulo. Apesar de sua relevância, há muito tempo não se realizava uma exposição extensa dedicada à obra de Leoncina e *Gesto em suspensão* cobre esta lacuna.

“Minha mãe realizou uma pintura entre linhas, entre versos. No hiato, no espaço entre, onde o gesto tinge com leveza a superfície preenchida e aprofunda a percepção de um olhar ampliado pela poesia. Se o ar

se refaz líquido, se a matéria se reduz a pó, há algo de imaterial na sua pintura que emana de suas pinceladas e que estão em constante levitação, como se uma brisa contínua soprasse sua forma, sua cor. Uma pintura flutuante, liberta, sem linha do horizonte para sustentar seu voo”, escreve o curador no texto de apresentação.

A montagem inclui comentários críticos de Ferreira Gullar, Frederico Moraes, Mario Pedrosa, Paulo Herkenhoff e Paulo Venancio Filho.

A CRIAÇÃO DO ARTISTA POPULAR

Curadoria: João Emanuel Carneiro



Júlio Martins da Silva, *Chegando em casa*, 1974
Foto: Mário Grisolli

No mesmo andar, uma sala é dedicada à mostra *A Criação do artista popular*, que pela primeira vez exhibe a coleção de Lélia Coelho Frota (1938-2010). Poeta, en-

saísta, museóloga, historiadora da arte e antropóloga carioca, Lélia foi responsável por trazer à luz trabalhos de artistas populares, genericamente referidos como artesãos do folclore popular, através da publicação de sua autoria *“Mitopoética de 9 Artistas Brasileiros”* (Funarte, 1978).

Para o autor de teledramaturgia João Emanuel Carneiro, filho da colecionadora e curador da mostra, a mãe foi muito precursora ao legitimar esses artistas que eram invisibilizados. Ao longo dos anos, Lélia fez verdadeiras expedições ao interior do Brasil em busca da arte desenvolvida longe do academicismo, baseada no saber popular e autodidata.

“Era final da década de 1970. Eu, uma criança pequena, acompanhava minha mãe na peregrinação à casa de

um dos artistas populares que ela elegera para participar do livro 'Mitopoética'. A casa ficava no Vale do Jequitinhonha, seguíamos um guia. Era preciso atravessar uma pinguela num rio, com medo de picada do barbeiro, até finalmente chegarmos na casa de pau a pique, sem luz e chão de terra batida aonde minha mãe iria entrevistar o artista."

Na mostra, estão cerca de 40 peças da coleção iniciada na década de 1970, em que os gostos de Lélia se refletem em muitas camadas. A espiritualidade, por exemplo, pode ser vista em algumas das 12 obras de Júlio Martins da Silva (1893-1978), seu pintor favorito de acordo com João Emanuel. Dentre os trabalhos de outros talentos revelados pela antropóloga, ganha

destaque "*Central do Brasil*", de Manuel Faria Leal, que pintava espaços urbanos e faz uma interessante interpretação popular da vida do carioca no século 20, nessa tela de grande dimensão.

O curador aponta também para o bordado de Madalena dos Santos Reinbolt (1919-1977): "*Ela trabalha a tapeçaria com fios coloridos, entrelaçando-os como se fossem uma pintura*", descreve. Nascida em Vitória da Conquista, Bahia, Reinbolt foi uma mulher preta que não teve acesso à educação formal. Na década de 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar como empregada doméstica e foi cozinheira na casa da arquiteta e urbanista Lota de Macedo Soares e da poeta norte-americana Elizabeth Bishop, em Petrópolis.

COLEÇÃO NO SEU TEMPO

Curadoria: Lauro Cavalcanti

No térreo da Casa Roberto Marinho, está a exposição *Coleção no seu tempo*, com 44 obras do acervo, escolhidas por Lauro Cavalcanti para a ocasião celebrativa. Há trabalhos de Anna Bella Geiger, Antonio Bandeira, Carlos Vergara, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, Luiz Aquila, Mira Schendel, Rubem Valentim, Wanda Pimentel e Yolanda Mohalyi, entre outros. A seleção inclui também aquisições recentes da coleção e trabalhos que serão exibidos pela primeira vez, como *Cosmos jaune*, 1972, de Arthur Piza; *Paisagem*, de Manuel Messias, e uma serigrafia sem título, de 1977, de Emanuel Araújo.

Ingeborg ten Haeff, *To a different drum*, 1965

Foto: Jaime Acioli





Manabu Mabe,
Vitória, 1965
Foto: Divulgação

Em destaque, pinturas de grande formato, como as de Di Cavalcanti, Ingeborg ten Haeff, Jorge Guinle Filho, Manabu Mabe, Raul Mourão e Tomie Ohtake, além de obras atípicas de estrelas do modernismo brasileiro, como as de José Pancetti. Há, ainda, gravuras concebidas especialmente para mostras anteriores da Casa Roberto Marinho por Angelo Venosa, Beatriz Milhazes, Carlito Carvalhosa, Luiz Zerbini, Paulo Climachauska, Regina Silveira e Vania Mignone.

A exposição se encerra com uma cronologia que apresenta a sequência de ações do instituto, desde a sua fundação em 2018, com acesso a informações por meio de QR Code. *“Através de mostras de acervo periódicas, a Casa Roberto Marinho reafirma-se como um centro ativo de referência em artes plásticas e cumpre um importante papel, permitindo ao público reconhecer a diversidade de repertório de alguns dos nomes mais relevantes da arte brasileira”,* diz Cavalcanti.

SERVIÇO

Exposição Maria Leontina – Gesto em suspensão

Exposição A criação do artista popular | Coleção Lélia Coelho Frota

Exposição Coleção no seu tempo | Coleção Roberto Marinho

Até 16 de julho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h (entrada até às 17h15)

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos: R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca

Aos domingos, “ingresso família” a R\$ 10 para grupos de quatro pessoas

A CRM respeita todas as gratuidades previstas por lei

A Casa Roberto Marinho é acessível a pessoas com deficiência

<https://casarobertomarinho.org.br/>

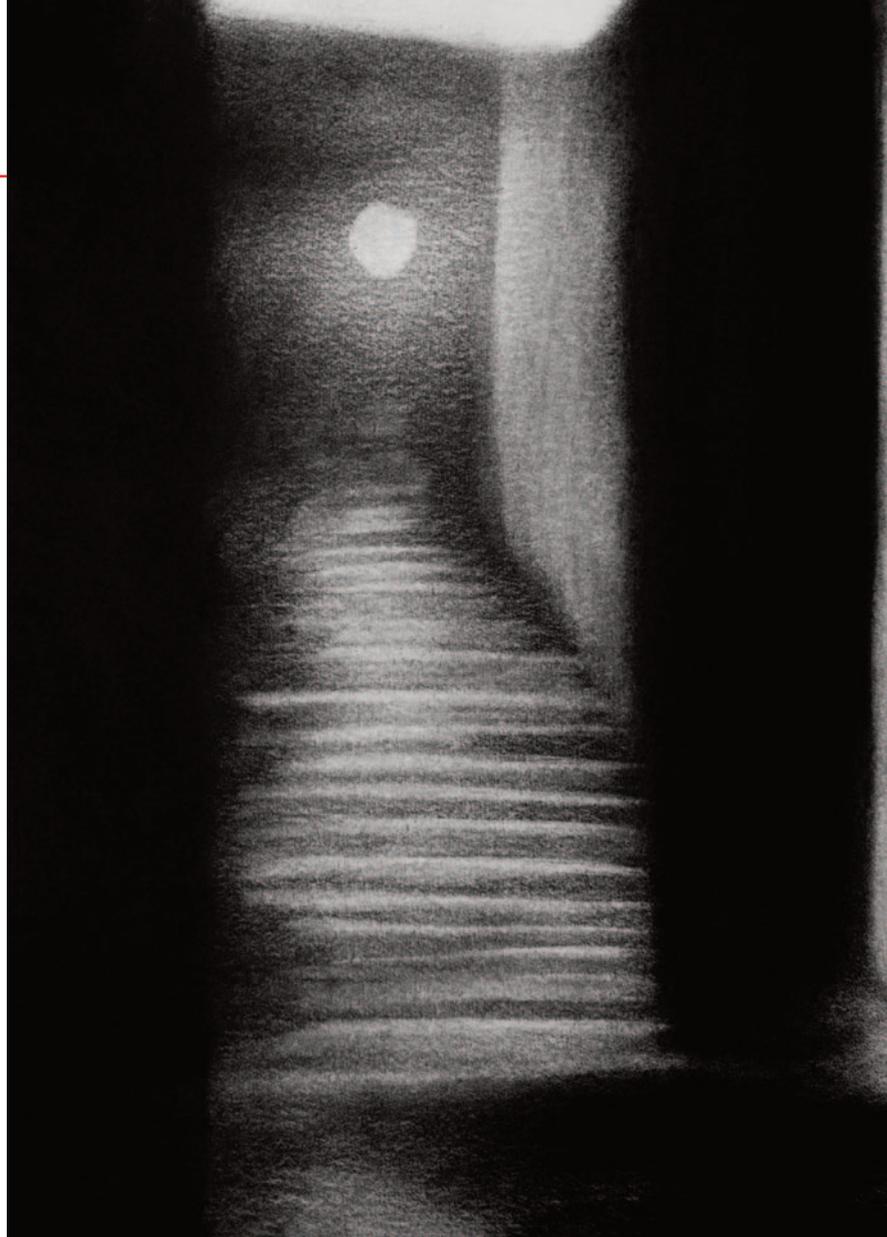


Foto: Anna Carolina Bueno

BARÁ, DE GUSTAVO NAZARENO, inaugura temporada 2023 do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

*Mostra individual do artista mineiro, que homenageia o orixá Exu, será inaugurada no dia 13.
A exposição é a primeira após o falecimento do fundador e diretor curador da instituição*

O Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, instituição da Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, inaugura o Programa de Exposições 2023 com a mostra *Bará*, do artista mineiro Gustavo Nazareno, sua primeira individual em uma grande instituição paulistana. A realização tem destaque no primeiro conjunto de exposições temporárias após o falecimento do fundador e diretor curador da instituição, Emanuel Araujo, com quem a exposição foi firmada pessoalmente em 2021. *“O projeto ganha especial importância, principalmente para todas as equipes do museu, pela responsabilidade em honrar os padrões deixados por Emanuel durante os 18 anos em que idealizou e dirigiu o espaço cultural, tornando-o emblemático para a cidade e para o Brasil”*, destaca Claudio Nakai, coordenador do Programa de Exposições da instituição.

Com curadoria de Deri Andrade, pesquisador e curador convidado, o conjunto de cerca de 130 trabalhos, entre pinturas a óleo sobre linho e desenhos em carvão, reflete a pesquisa do artista nos últimos anos. Em 2019, Nazareno concebeu a série de desenhos em carvão denominada *Bará*, como uma cerimônia em forma de oferenda para uma qualidade de Exu – Elegbara. Partindo das suas inspirações por contos de fada, fábulação e sua fé em Exu, o artista propõe, através dos desenhos, *“uma fábula que percorre o dia em que essa cerimônia aconteceu, uma segunda-feira, dentro de um mundo criado para o Orixá”*. Nazareno propõe também que *“o visitante se torne um convidado desse mundo*



Bará 135

Foto: Anna Carolina Bueno

imaginário, passando pelas fases do dia, além das características do espaço retratadas em pintura e desenhos em carvão”.

Deri Andrade observa que as bases dessa exposição são a técnica particular em pintura e desenho de Nazareno, que parte de um referencial renascentista, e o seu interesse pelas epistemologias dos Orixás. *“Para além de uma questão religiosa, Gustavo Nazareno imagina imagens que contam uma história a partir das fábulas que escreve, tendo como ponto de partida referenciar essas entidades, com respeito e beleza, construindo uma nova imagética para elas”*, conclui o curador.

SOBRE O ARTISTA

Gustavo Nazareno, (1994, Três Pontas/MG), vive e trabalha em São Paulo. Autodidata, o artista vem desenvolvendo uma pesquisa pictórica e imagética que percorre os ritos ancestrais africanos e a mitologia dos orixás. Em sua produção, carregada de nuances que extrapolam os temas para além da questão religiosa, o panteão lorubá é reverenciado como uma força epistemológica, de conhecimentos ancestrais e de mistérios. As figuras, ou as paisagens, como vem explorando em sua recente produção, são contemplativas e repletas de histórias pessoais, por meio de fábulas que cria para guiar os traços vistos nas obras. Entre suas ex-



posições individuais destacam-se: *Fables on Exu, Gallery 1957*, 2021, (Londres, Reino Unido); *Notas pessoais de fé, Cassina Projects*, 2022, (Milão, Itália) e *Pombajira, Selma Feriani Gallery*, 2023 (Tunes, Tunísia). Participou também de mostras coletivas como *Collective Reflections: Contemporary African & Diasporic Expressions of A New Vanguard, Gallery 1957*, 2020, (Acra, Gana); *Eye of the Collector, Gallery 1957, Art Fair London*, 2021 (Londres, Reino Unido); *Outros Ensaios para o Tempo, Galeria Nara Roesler*, 2021 (São Paulo, Brasil); *Group Show, i8 Gallery*, 2021 (Reykjavik, Islândia); *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro, Galeria Lago, Inhotim*, 2022 (Brumadinho, Brasil); *Between Nothingness and Infinity, Cornell Biennial at Johnson Museum*, 2022, Nova Iorque, Estados Unidos) e *The Storytellers, Gallery 1957*, 2022 (Londres, Reino Unido).

SOBRE O CURADOR

Deri Andrade é pesquisador, curador e jornalista. Mestrando em Estética e História da Arte (Universidade de São Paulo – USP), especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais (CELACC – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – USP) e formado em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo (Centro Universitário Tiradentes – Unit). Curou exposições individuais e coletivas no Brasil e em países como Inglaterra e Itália. Interessa-se por arte contemporânea, com foco nas poéticas de artistas afrodescendentes e desenvolveu a plataforma *Projeto*

Oxossi

Foto: Anna Carolina Bueno

Afro em âmbito nacional. Tem passagens por instituições culturais, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Unibes Cultural e o Instituto Brincante. Atualmente é curador assistente no Instituto Inhotim.

SOBRE O MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAUJO

O Museu Afro Brasil Emanuel Araujo é uma instituição da Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo administrada pela Associação Museu Afro Brasil – Organização Social de Cultura. Inaugurado em 2004, a partir da coleção particular do seu diretor curador, Emanuel Araujo, é um espaço de história, memória e arte. Localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do parque Ibirapuera, conserva, em cerca de 12 mil m², um acervo museológico com mais de 8 mil obras, apresentando diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiro e abordando temas como religiosidade, arte e história, a partir das contribuições da população negra para a construção da sociedade brasileira e da cultura nacional. O museu exibe parte deste acervo na exposição de longa duração e realiza exposições temporárias, atividades educativas, além de uma ampla programação cultural.

SERVIÇO

Exposição *Bará* – Gustavo Nazareno

De 13 de maio, às 11h, até 1º de outubro

Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

Av. Pedro Álvares Cabral, s/n, Parque Ibirapuera, próximo ao Portão 10, São Paulo / SP – Tel.: (11) 3320-8900

Funcionamento: De terça à domingo, das 10h às 17h (permanência até às 18h)

Ingressos: Entrada Inteira: R\$ 15,00

Meia Entrada: R\$ 7,50 / Grátis às quartas-feiras

Mais informações em: <http://www.museuafrobrasil.org.br>

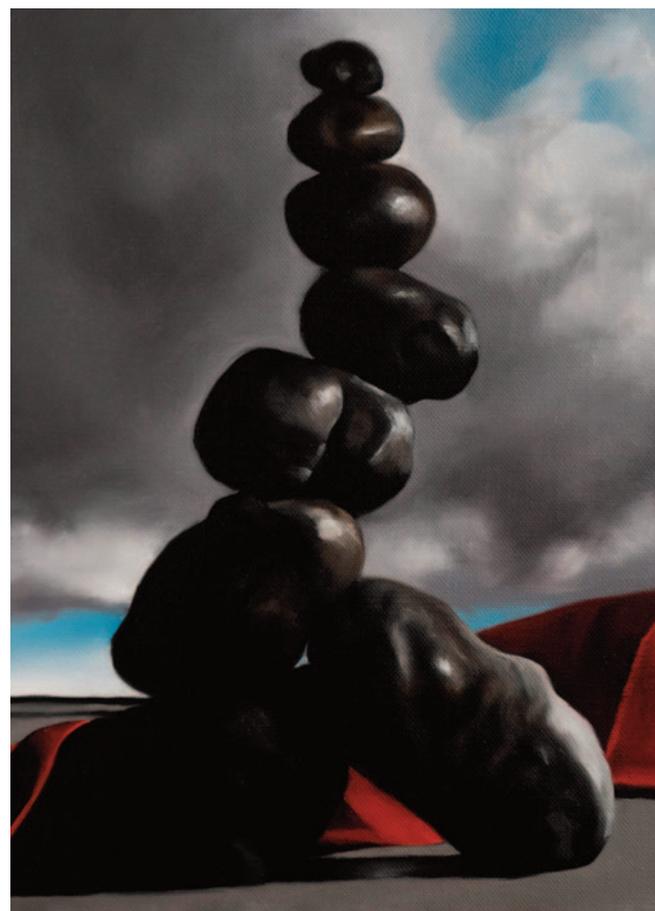


Bará 160

Foto: Anna Carolina Bueno

Truque das visões

Foto: Anna Carolina Bueno



ÓPERA COMENTADA

No Centro Cultural Baukurst, Botafogo, RJ,
curso presencial sobre Ópera Alemã
será ministrado pelo Maestro Ricardo Rochae,
entre os dias 5 e 26 de maio

Foto: Divulgação



O curso de *Ópera Comentada*, do maestro Ricardo Rocha, tem como objetivo não apenas iniciar leigos no universo dessa manifestação artística plural para a formação de novas plateias, mas também trazer informações históricas, estéticas e estilísticas de cada obra aos conhecedores do gênero, assim como apresentar biografias de cada compositor e a análise detalhada de seu libreto. Organizado em três blocos independentes, o conteúdo sempre é apresentado com a análise, a explicação e o contexto histórico em que foi escrita a obra.

A Flauta Mágica, de Wolfgang Amadeus Mozart; *Fidelio*, de Ludwig van Beethoven; e *Parsival*, de Richard Wagner, serão os títulos abordados neste terceiro módulo do curso, *Ópera Alemã*. Os módulos anteriores – *Ópera Italiana* e *Ópera Francesa* – ocorreram em 2022 e em janeiro e fevereiro desse ano.

ORIGEM E DEFINIÇÃO

A Ópera é um gênero artístico exclusivo produzido pela civilização ocidental, capaz de reunir teatro, literatura, cenografia, dança e outras manifestações em perfeita simbiose com a música que representa os afetos da poesia e da palavra através do canto.

É uma arte plural na qual a música é uma protagonista que até se sustenta sozinha em concerto, mas

que, não fosse o suporte de outras artes, não seria mais do que um oratório ou uma cantata profana com narração cantada.

MAESTRO RICARDO ROCHA

Ricardo Rocha é pós-graduado pela Escola Superior de Música da Universidade de Karlsruhe como *Kapellmeister* (maestro de ópera e concertos sinfônicos), o mais alto título em Regência em países de língua alemã; é também mestre em Regência pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Na Alemanha, ao longo de 11 anos, criou o ciclo “*Brasilianische Musik im Konzert*” para a difusão da música de concerto brasileira, à frente de orquestras como a Sinfônica de Bamberg, as Filarmônicas da Turíngia e de Südwestfallen e a Sinfônica de Baden-Baden.

SERVIÇO

Curso *Ópera Alemã com o maestro Ricardo Rocha*

Local: Baukurs Botafogo – Rua Goethe, nº 15, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Data: entre os dias de 5 e 26 de maio

Horário: das 19h às 21h

Informações: Secretaria Baukurs – + 55 (21) 99411-8480 ou através do e-mail secretaria@baukurs.com.br

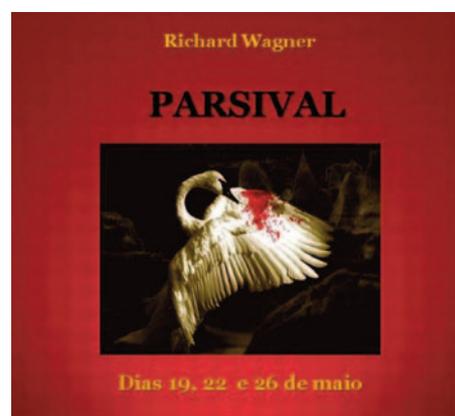




Foto: Still / Divulgação

Documentário

“CRÔNICA DE UMA CIDADE PARTIDA”

estreia dia 11 de maio nos cinemas

O documentário, dirigido por Ricardo Nauenberg, aborda a questão da falta de política pública para habitação popular nas grandes cidades, o que acarreta no crescimento da violência e na deterioração da qualidade de vida da população de baixa renda. Narrado pela voz de quem sofre essas consequências, o filme é distribuído pela Elo Studios, em uma coprodução com a Globonews e a Globofilmes

Tendo como pano de fundo a história da Cruzada São Sebastião, um projeto exemplar criado na década de 1950 no Rio de Janeiro, que foi se deteriorando com o passar dos anos, o documentário reflete sobre as consequências da desordem urbana nas grandes metrópoles do país. No entanto, mais do que apontar

problemas, Nauenberg pretende gerar uma reflexão, buscando soluções e fazendo um convite à reconstrução da cidade e da qualidade de vida de toda a sociedade.

“O filme aborda um problema nacional, normalmente negligenciado por trazer à tona verdades inconve-



Fotos: Still / Divulgação



nientes. O aumento geométrico da criminalidade no Rio de Janeiro e em várias outras cidades da América Latina possui, como uma das causas, a falta de uma correta política de habitação popular. Sem a presença do Estado, o crime se instala dentro das favelas e prolifera sem freios. Ao negligenciar o planejamento urbano, a cidade é tomada pela desordem, que prejudica a todos”, afirma Nauenberg.

Ao longo de 84 minutos, o documentário traz depoimentos de dez personagens, sendo dois ex-traficantes locais (Jonathan e Dudu), um policial de elite que atua na área (Rômulo), duas ativistas comunitárias (Dona Vera e Valéria), dois professores esportivos, moradores da comunidade (Paulo Pereira e Sandro), um dono de barbearia local (Bruno), além do ex-secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, e do jornalista André Trigueiro. Através dos depoimentos, vai se traçando a história da Cruzada São Sebastião, como ela surgiu, como um projeto exemplar, cresceu, se organizou e se desorganizou ao longo dos anos, exatamente como aconteceu em outras comunidades.

“No bairro do Leblon, a parte mais chique da cidade do Rio de Janeiro, foi construído um conjunto habita-

cional para pessoas de baixa renda: a Cruzada São Sebastião. São dois corpos que não se misturam, é um quarteirão dentro da cidade, que segrega e é segregado, misturando o tráfico de drogas com trabalhadores honestos obrigados a se sujeitar às leis locais. A Cruzada é um microcosmo do que aconteceu na cidade: um admirável projeto de integração social transformou-se em um quarteirão segregado. De quem é a culpa?”, questiona Nauenberg.

O documentário aponta como a política de habitação popular poderia solucionar importantes questões de educação, segurança, cidadania e dignidade, não só no Rio de Janeiro, mas em diversas cidades brasileiras.

TRAILER

<https://vimeo.com/390196502>

SERVIÇO

Documentário “Crônica de uma cidade partida”, de Ricardo Nauenberg

Lançamento nos cinemas: 11 de maio

84 minutos

Classificação: 16 anos

AUSÊNCIA, PRESENÇA E ESSÊNCIA



Ai Weiwei, Exposição *Making Sense*

Foto: Ed Reeve

Várias facetas da obra de Ai Weiwei oferecem ao público uma visão ampla do universo do artista

Maria Hermínia Donato

Artista, ativista, arquiteto, cineasta, colecionador e muitos outros atributos definem a imagem de Ai Weiwei. Como é que ele é mais conhecido como artista em vez de designer e está com uma exposição no *Design Museum*, em Londres? Para o curador Justin McGuirk, o museu está apresentando o trabalho de Ai Weiwei não como um designer mas como um artista com uma visão sobre design.

Ai Weiwei: Making Sense explora, através da Cultura Material, as tensões entre passado e presente: feito à mão e feito à máquina, antigo e novo, precioso e inútil, construção e destruição.



Do lado de fora do Museu do Design, a caminho da entrada, vejo duas poltronas feitas de mármore; o oposto da aparência de conforto que elas emanam. Um pouco mais adiante, um rolo gigante de papel higiênico feito de mármore. Se não tivesse lido o título, veria uma bela escultura geométrica próxima ao jardim.

Sou novamente surpreendida pela presença de uma moldura de madeira esculpida, de uma casa da Dinastia Qing (1636-1912).

Ocupando a maior parte do saguão, **Coloured House** é uma instalação colorida, com cores vibrantes, que repousa sobre bolas de vidro transparentes.

As paredes ao redor são cobertas com papel de parede estampado, colorido e bastante decorativo. Olhando de perto, descubro que a estampa é feita por emblemas de vigilância e de prisão: câmeras de segurança e algemas!

A exposição ocupa um vasto espaço, cujo piso é dividido em quatro instalações, cada uma um grande campo retangular:

Still Life (1993-2000), com 4.000 ferramentas de pedra do período neolítico, cabeças de machados, facas, cinzeiros, rodas, nos lembra que sobrevivência é uma das origens do design. Weiwei questiona, pela quantidade das ferramentas, o valor real dessas peças de museu.

Ai Weiwei, Exposição *Making Sense*

Fotos: Ed Reeve



Ai Weiwei, *Coloured House* Foto: Maria Hermínia Donato

Spouts (2013) é feita com 250.000 bicos de bules quebrados, considerados imperfeitos nas fábricas de porcelana da dinastia Song (960-1279). Se o bule não estivesse perfeito, o bico era quebrado. Uma alusão à liberdade de expressão, quando o bico é removido.

A seguir temos **Sem título** (2022): duzentas mil bolas de porcelana feitas à mão durante a dinastia Song, usadas como munição na artilharia da época. Incrível acreditar que são feitas à mão.

Ao lado das bolas estão os cacos de porcelana com esmalte azul – restos de suas próprias esculturas, que foram destruídas quando o estado chinês demoliu o estúdio do artista em Pequim, em 2018.

O último campo é feito com os tijolos de Lego enviados pelo público, quando a empresa de Lego parou, por um



Ai Weiwei, *Cacos de porcelana* Foto: Maria Hermínia Donato

breve período, de vendê-los para Ai, que os estava usando para fazer retratos de prisioneiros políticos. O artista concebeu a ideia enquanto estava em prisão domiciliar na China, em 2014; buscava uma maneira de criar um trabalho que pudesse ser reproduzido por colaboradores no exterior.

“A Lego me deu a oportunidade de ter um design que poderia ser seguido pelo construtor”, diz Weiwei. “É digitalmente preciso, não é diferente de um chamado 'original'. Lego destrói essa ideia de um 'original', que eu gosto. Eu sempre gosto de obras de arte que não precisam ser feitas por artistas. É apenas a ideia que vem do artista. Quanto mais fácil de fazer, melhor o trabalho. Eu acho que Lego não é diferente da pintura de Rembrandt ou da pintura de Van Gogh. Se eles estivessem vivos hoje, adorariam brincar com Legos.”



Ai Weiwei, *Water Lilies #1*

Foto: Ela Bialkowska

Aí Weiwei transforma humor num ato político. Lego simboliza o mundo que se tornou industrializado e uniforme – e também remove, da criação, a mão do artista.

Water Lilies #1 é o maior trabalho em Lego realizado por ele, inspirado na pintura idílica da natureza criada por Claude Monet. O lago que Monet pintou é uma criação construída, feita pelo homem, assim como os tijolos plásticos que Ai usa para eliminar as pinceladas de Monet, criando uma linguagem despessoalizada de peças e cores industriais.

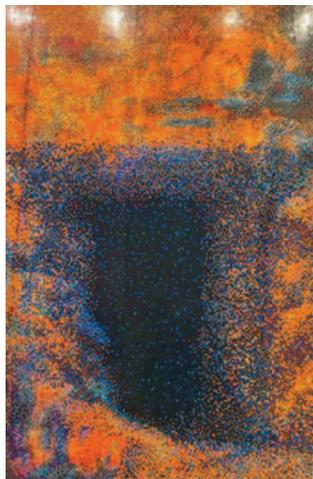


Foto: Maria Herminia Donato

Um retângulo preto representa a entrada do abrigo onde ele e seu pai foram forçados a viver no exílio, na província de Xinjiang.

As vitrines espalhadas pela exposição contêm obras de arte de Ai, como rolos de papel higiênico representados em már-

more e vidro – um comentário sobre o valor flutuante desse produto precioso durante o Covid, quando era escasso. Há um objeto sexual reproduzido em jade e um capacete em vidro, inutilmente frágil, além de réplicas de porcelana de fragmentos de crânio e osso de um campo de trabalho da década de 1950, do tipo de lugar para onde o pai poeta de Ai foi enviado.

Uma urna da dinastia Han é estampada com o logotipo vermelho da Coca-Cola, uma referência à mercantilização da herança chinesa, na corrida para a modernização. Há transposições de materiais: um chapéu protetor criado em vidro, uma caixa de mármore e cosméticos em jade.

Outra obra marcante do artista é ***Nian Nian Souvenir*** (2021), um monumento gráfico com os nomes de 5.197 crianças mortas em 2008, no terremoto de Sichuan. O nome de cada criança é estampado em vermelho, com carimbos de jade feitos à mão. ***Rebar and Case*** (2012), também relacionado ao terremoto, mostra um conjunto de assentos semelhantes a caixões. De um dos escombros, Weiwei retirou parte

do vergalhão de aço retorcido, usado para reforçar concreto, e fez uma réplica em mármore. Uma escultura como homenagem aos mortos, enfatizando as instalações defeituosas das escolas e prédios. Noventa mil pessoas morreram no terremoto.

Por fim, uma cobra gigante feita de coletes salva-vidas, usados por asilados que tentavam chegar à Europa de barco. Ai Weiwei justapõe a presença dos indivíduos com sua ausência nas instalações. Os objetos e artefatos carregam a memória das mãos que os fizeram e os usaram.



A exposição oferece aos visitantes, auxiliados pelos guias, a possibilidade de ver as obras sem a interferência dos longos textos explicativos colocados nas paredes. Não há uma cronologia. Você escolhe seu percurso e lê ou não os textos sobre cada obra. Há uma atmosfera de calma que permite reflexão e questionamento.

SERVIÇO

Exposição *“Ai Weiwei: Making Sense”*

Até 30 de julho – *Design Museum*, Londres

<https://designmuseum.org/exhibitions/ai-weiwei-making-sense>



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868